

nomar



CENTRO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL DA MARINHA / Ano 58 N° 952 / BRASÍLIA - DF, OUTUBRO A DEZEMBRO

200 anos da Esquadra Da consolidação da Independência, à defesa da Amazônia Azul



OPERAÇÕES

Operação "UANFEX-2022":
Militares são treinados para
ajuda humanitária

pg. 4

ESPECIAL

13 de Dezembro - Dia do
Marinheiro

pg. 8

PODER NAVAL

Navio-Patrolha "Maracanã"
marca a retomada da
construção naval brasileira

pg. 36

VENHA!



Faça parte da
tradicional
carteira de
SEGURO DE VIDA
do AMN.

*Entre em contato e
conheça nossos benefícios.*

 (21) 2216-4800



Centro de Comunicação Social da Marinha (CCSM)

Endereço: Esplanada dos Ministérios - Bl. N, anexo A, 3º andar
Brasília - DF - CEP 70.055-900

Tel.: (61) 3429-1831

Diretor do CCSM: Contra-Almirante Carlos André Coronha Macedo

Chefe do Departamento de Produção e Divulgação: CF Antonio de Barcellos Neto

Subchefe do Departamento de Produção e Divulgação: CF (FN) Leonardo Sobral Garcia da Silva

Encarregado da Agência Marinha de Notícias: CC(T) Rodrigo Machado Streb

Jornalista Responsável: CT (RM2-T) Camila Marques de Almeida - Reg. MTb 10408/DF

Diagramação e Arte Final: SO-ET Fábio Coelho Damasceno;
CB-ET Fábio Santos Schulze e MN-RC Moisés de Sousa Alves

Foto de Capa: 3°SG-AR Vitor Lima de Oliveira

Tiragem: 3 mil exemplares

MB na Internet: www.marinha.mil.br

Agência Marinha de Notícias: www.marinha.mil.br/agenciadenoticias

Dois séculos se passaram e o mesmo espírito de patriotismo e de comprometimento permanecem na Esquadra Brasileira. A edição nº 952 do periódico Nomar apresenta reportagem sobre o Bicentenário da Esquadra Brasileira na consolidação da Independência e na proteção da Amazônia Azul.

No contexto das “Operações”, a editoria destaca a Operação “UANFEX-2022”, realizada no mês de novembro, na Ilha da Marambaia, na qual foram reunidos 880 militares que passaram por treinamento com vistas a atuar em ações de ajuda humanitária. O exercício contou com a expressiva participação de meios de Fuzileiros Navais, o que incluiu a Força de Desembarque, a Unidade Médica Expedicionária da Marinha, bem como carros de combate SK-105A2S e uma bateria de obuseiros 105 mm Light Gun.

Uma das matérias da editoria “Especial” é a campanha do Dia do Marinheiro, que, neste ano, apresenta a escolha de ser marinheiro, um caminho trilhado por abnegação, coragem e que desperta orgulho naqueles que dedicam sua vida à Pátria. Outra matéria “Especial” é sobre os 85 anos do Monitor “Parnaíba”, o navio mais antigo em serviço da Marinha do Brasil que, dentre tantas missões, participou da Segunda Guerra Mundial.

Temos, também, uma reportagem completa que aborda as atividades da Amazônia Azul sob o enfoque de suas quatro vertentes: científica, econômica, ambiental e soberania, além da participação da Marinha no desenvolvimento de pesquisas nas áreas oceânicas do Brasil.

Na editoria “Cuidando da Nossa Gente”, a Marinha do Brasil recebeu uma das maiores organizações médicas voluntárias do mundo, com sede em 60 países e mais de seis mil voluntários cadastrados, conhecida como Operação “Sorriso”. A bordo do Navio de Assistência Hospitalar “Carlos Chagas”, os militares, em conjunto com os voluntários, atenderam às comunidades ribeirinhas da Amazônia Ocidental.

Por fim, nesta edição, apresentamos a matéria referente à entrega do Navio-Patrolha “Maracanã” ao setor operativo da Marinha do Brasil. Este navio pertence à Classe “Macaé” e representa a retomada da construção naval no Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro.

Aproveitem a leitura!

Contra-Almirante Carlos André Coronha Macedo
Diretor do Centro de Comunicação Social da Marinha

Operação "UANFEX-2022": militares são treinados para ajuda humanitária

Navios da Esquadra, em operações anfíbias, e montagem de Unidade Avançada de Trauma compõem os exercícios da Operação

Por: Capitão-Tenente (RM2-T) Ana Carolina Seabra

Fotos: Suboficial-AD Simone Soares e Terceiro-Sargento-FN-IF Marcelo de Albuquerque Alves Ferreira



O pano de fundo da "Operação UANFEX-2022" foi a Ilha da Marambaia, no Rio de Janeiro. Entre os dias 21 e 24 de novembro, o cenário foi composto por 880 militares empregados em diferentes meios navais: Navio Doca Multipropósito "Bahia", Navio de Apoio Oceânico "Purus", 10 Carros Lagarta Anfíbio, dois helicópteros, sendo um UH-15 "Pégasus 02" e um SH-16 "Guerreiro 36" e Embarcações de Desembarque de Viaturas e Carga Geral.

Considerando o enredo da Operação baseado em uma situação de ajuda humanitária, o

exercício teve também expressiva participação de meios de fuzileiros navais, o que incluiu a Força de Desembarque, a Unidade Médica Expedicionária da Marinha, bem como carros de combate "SK-105A2S" e uma bateria de obuseiros "105 mm Light Gun".

De maneira peculiar, o exercício testou a capacidade de uma Força Naval, já no mar e previamente carregada com tropas e material, planejar a resposta a uma situação de emergência além-mar. Nesta UANFEX, diferentemente de como ocorreram outras operações este ano, os militares

foram submetidos ao enredo do exercício com os navios já afastados do porto sede. No treinamento, a informação recebida foi a de que era necessário reforçar a ajuda à população de um país isolado, onde um organismo internacional, equivalente à Organização das Nações Unidas, ainda não estava completamente estabelecido e, por isso, permanecia sob ameaça de grupos hostis.

O desafio encontrava-se em avaliar o terreno, identificar as ameaças eminentes, mapear a ação dos militares e dos meios navais, planejar o acesso ao local onde a população se en-



Carro Lagarta Anfíbio (CLAnf)

contrava, entrar e sair da área afetada em segurança, identificar feridos e as remoções necessárias, no prazo de 24h, salvaguardando a vida humana e mantendo a Força de Paz atuante.

Após esse planejamento, a ação culminou em uma Incurso Anfíbia, na área da Marambaia, no amanhecer do dia 23 de novembro. Assim se desenvolveu a "UANFEX-2022" e, ao conversar com os responsáveis pelos exercícios, foi possível perceber a importância da Operação. O Almirante de Esquadra (Fuzileiro Naval) Jorge Armando Nery Soares, Comandante Geral do Corpo de Fuzileiros Navais, afirmou que a "possibilidade que nós temos na Ilha da Marambaia de fazer exercícios anfíbios é espetacular porque conjugamos os nossos meios navais e as tropas de Fuzileiros Navais". O Almirante reforçou que o

emprego de munição real para o Fuzileiro Naval é extremamente importante. "Eu poderia dizer que é vital. Nós somos uma tropa extremamente profissional e a prova disso é o uso intensivo de munição real. E aqui na Ilha da Marambaia, já há algum tempo, temos usado a artilharia. No passado, usávamos morteiro e armas portáteis, mas agora nós estamos utilizando também a bateria "105 light gun". Então, a possibilidade que temos de realizar exercícios do tipo projeção anfíbia, um exercício com uma magnitude menor, é importante porque os problemas que acontecem são reais e terão de ser resolvidos durante a sua execução. É um ganho muito grande toda a vez que o Fuzileiro Naval vem do navio para a terra. É um conjugado anfíbio que é a nossa razão de ser!", explicou o Almirante.

O desembarque dos Fuzilei-

ros Navais permitiu a montagem de uma Unidade Avançada de Trauma (UAT), monitorada pela Unidade Médica Expedicionária da Marinha. O Capitão de Mar e Guerra (Fuzileiro Naval) Gláucio Rodrigues Junior, Comandante do Batalhão Logístico de Fuzileiros Navais, ressaltou que os militares estão preparados para atender a demandas de saúde e assuntos civis. Para tanto, explicou como foi montada uma estrutura logística, com barracas e uma UAT, que reforça a capacidade de ação e emprego rápido dos Fuzileiros Navais.

"Nesse tipo de Operação, com atividades envolvendo civis, estamos focando na saúde, com a montagem de uma UAT, prestando apoio à população atingida e a possíveis feridos durante a execução da missão. Temos apoio de consultas médicas, odontológicas e ações cívico-sociais, além de

Tiro real a partir de obuseiro



um Centro de Operações Cívicas e Militares capaz de controlar diversas outras atividades voltadas ao apoio da população”, afirmou o Capitão de Mar e Guerra Gláucio.

Segundo o Contra-Almirante Marcelo Menezes Cardoso, Comandante da 1ª Divisão da Esquadra e responsável pelo Grupo-Tarefa da “UANFEX-2022”, a Operação marcou o encerramento do ciclo de adestramento da Esquadra e da Força de Fuzileiros da Esquadra. “O planejamento da “UANFEX” foi proposto para que simulasse uma situação próxima do que podemos enfrentar na realidade. Exercitamos um método de planejamento rápido para atender a essa necessidade emergencial e fizemos uma Incursão Anfíbia na área da Marambaia, simulando toda a preparação para uma ajuda humanitária.” O então Vice-Almirante Arthur Fernando Bettega Corrêa, Comandante em Chefe da Esquadra, concluiu dizendo que “a UANFEX-2022 foi uma boa forma de encerrarmos o ciclo de adestramento dos meios da Esquadra”.

Para o futuro...

Dando continuidade aos treinamentos dos Fuzileiros Navais, o então Vice-Almirante (Fuzileiro Naval) Carlos Chagas, Comandante da Força de Fuzileiros da Esquadra, disse que até o final de 2022, ainda teriam mais dois exercícios. Sendo uma Operação Ação Cívico-Social em Itaóca (ES) e a Operação “Furnas”, que é uma Operação realizada em Minas Gerais, na região de Furnas. Segundo o Almirante, ao longo deste ano foram realizadas cinco operações anfíbias utilizando essa integração dos Fuzileiros Navais e dos meios da Esquadra.

Do ponto de vista da Esquadra, o então Vice-Almirante Bettega ressaltou que “os meios navais e aeronavais da Esquadra estão à disposição do Comando da Força de Fuzileiros da Esquadra”



Incursão anfíbia

13 de dezembro - Dia do Marinheiro

Marinha celebra a data do nascimento do Patrono da Força

Por: Primeiro-Tenente (RM2-T) Luciana Santos Almeida

Imagens: Segundo-Sargento-ET Paulo César Faria de Paula Junior

Mostrar que ser marinheiro é uma escolha de honra, trilhada por abnegação e coragem, e que desperta orgulho naqueles que entregam sua vida à Pátria e são parte da Marinha do Brasil (MB), é o objetivo da campanha do Dia do Marinheiro em 2022, comemorado pela Força, anualmente, em 13 de dezembro. A data foi celebrada, neste ano, em cerimônia no Grupamento de Fuzileiros Navais de Brasília, presidida pelo Presidente da República, Jair Messias Bolsonaro, com participação do Comandante da Marinha, o Almirante de Esquadra Almir Garnier Santos.

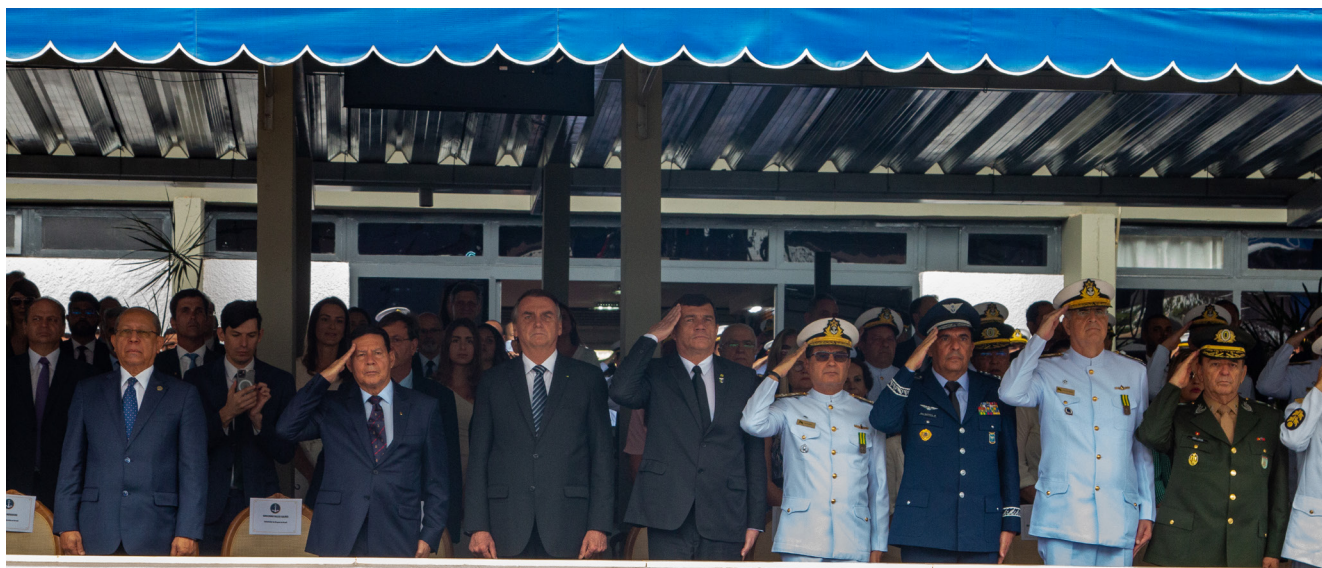
Para essa campanha intitulada “Saí de casa com um sonho: decidi ser marinheiro e outra coisa não quero ser”, a MB destacou a esco-

lha de homens e mulheres de serem marinheiros. De acordo com o Diretor do Centro de Comunicação Social da Marinha, o Contra-Almirante Carlos André Coronha Macedo, o conceito é mostrar aqueles que deixam sua terra natal, familiares e o conforto de seus lares para se dedicarem permanentemente em proteger as riquezas do País e cuidar do povo brasileiro. “Com coragem e honra, nossos marinheiros entregam, diariamente, diversos serviços à sociedade como a defesa da Pátria, a salvaguarda da soberania nacional, a proteção de nossa Amazônia Azul e o cuidado com os brasileiros. Quando retornam aos seus lares, levam consigo o sentimento do dever cumprido e o orgulho em ser marinheiro, despertando em

seus familiares o reconhecimento da importância dessa nobre missão, que é servir à Marinha e ao Brasil”, afirmou.

Em sua Ordem do Dia, o Comandante da Marinha, Almirante de Esquadra Garnier, destacou que, nesta solene data, quando trazemos ao presente um pouco da história da Invicta Marinha de Tamandaré, rendemos mais que uma homenagem àquele que assentou a pedra fundamental dessa Instituição forte e respeitada que é a Marinha do Brasil. “Registramos nossa gratidão por aquele que se dedicou inteiramente ao serviço da Pátria, e que hoje, pelo exemplo legado, congrega os Marinheiros do passado e do presente, sendo inspiração para diversas gerações de nossa Força”.

Palanque das autoridades que participaram do evento em Brasília





História

A data é uma homenagem ao Patrono da Marinha do Brasil, o Almirante Joaquim Marques Lisboa, o Marquês de Tamandaré, nasceu em 13 de dezembro de 1807, que dedicou 66 anos de serviço à Pátria, e é um dos grandes Heróis Nacionais. Além da Guerra de Independência, onde esteve embarcado na Fragata “Niterói”, participando da perseguição à frota portuguesa que deixava a Bahia, destacou-se na Guerra Cisplatina, onde recebeu o seu primeiro comando de navio com 18 anos de idade e, depois, tornou-se um herói, participando de vários epi-

sódios importantes dessa guerra. No período Regencial, tomou parte ativa na pacificação de várias insurreições. Viveu, portanto, em um período muito importante da consolidação do Estado Nacional.

Como Capitão de Mar e Guerra, foi o primeiro Comandante da Fragata a vapor “D. Afonso”, primeiro navio de guerra de grande porte com propulsão a vapor incorporado pela Marinha do Brasil. Em uma das provas de mar ao largo da cidade inglesa de Liverpool, salvou membros da tripulação e passageiros do navio “Ocean Monarch”, que levava emigrantes para os Es-

tados Unidos da América. Já no Rio de Janeiro, ainda comandante da “D. Afonso”, conseguiu rebocar e trazer para dentro da Baía de Guanabara a Nau da Marinha de Portugal “Vasco da Gama”, que se achava desarvorada fora da barra, em meio a uma tempestade.

Como Almirante, comandou a Força Naval brasileira no Rio da Prata entre os anos de 1864 a 1866. No conflito contra o Paraguai, organizou toda a logística necessária para a manutenção dessa Força, e conduziu o início do bloqueio, estratégia que selou o destino do Paraguai.

Pavilhão Nacional é destaque durante a cerimônia



Navio mais antigo da Marinha do Brasil em serviço completa 85 anos

Monitor "Parnaíba" participou da 2ª Guerra Mundial

Por: Primeiro-Tenente (RM2-T) Juliana Rodrigues Affe

Fotos: Cesar Barreto

Às quinze horas do dia 6 de novembro de 1937, um navio, com projeto tão somente brasileiro, estava pronto no Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro, marcando a retomada da construção naval no Brasil, no século XX. Naquela tarde, o navio foi incorporado oficialmente à Armada brasileira, lançado ao mar e batizado como Monitor "Parnaíba" (MParnaíba). Atualmente, é detentor do título de navio mais antigo da Marinha do Brasil (MB) em serviço.

Aos 85 anos, o MParnaíba traz, em seus conveses, histórias e episódios que fazem deste navio patrimônio cultural da MB. O batimento da quilha aconteceu em 11 de junho de 1935, na Ilha das Cobras (RJ), marcando o início oficial da construção do casco. Finalmente, 17 meses após intensos trabalhos, o MParnaíba flutuou, pela primeira

vez, e abriu o caminho para novas construções na indústria naval brasileira.

Do Rio Paraguai ao Atlântico

Em um olhar pausado para o passado, observa-se fatos históricos importantes do MParnaíba. Em março de 1938, o navio foi incorporado à Flotilha de Mato Grosso e, em abril de 1943, foi desincorporado e incluído à Força Naval subordinada ao Comando Naval do Leste, com sede em Salvador (BA), a fim de escoltar comboios e patrulhar o porto durante a Segunda Guerra Mundial.

Ao ser chamado ao dever, sofreu as duras condições das operações de guerra e cumpriu a missão, navegando 3.570 milhas durante o conflito. Em maio de 1945, retornou a sua sede, Ladário (MS), onde permanece subordinado.

Modernização do MParnaíba

Após decorridos mais de 60 anos de serviço, o MParnaíba passou por um processo de modernização e, como desfecho, teve a sua vida útil prolongada com maior autonomia, eficácia, mobilidade, flexibilidade e poder de fogo. As obras, que duraram um pouco mais de um ano e meio, foram iniciadas em janeiro de 1998. Em abril, foi feita a reconstrução de parte da superestrutura e dos compartimentos internos do navio, e o chapeamento do convoo também começou a ser montado.

Em julho, já tinham sido instalados dois motores diesel, uma atualização importante. As antigas máquinas a vapor foram preservadas, sendo uma transferida para o Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro e a outra encontra-se em Ladário (MS). Essa última está exposta na Sala de

Monitor "Parnaíba" está subordinado ao Comando da Flotilha de Mato Grosso





O Navio é patrimônio cultural da Marinha do Brasil

Memória “Tenente Maximiano”, que mantém peças históricas da MB, e funciona por meio de um motor elétrico para demonstrar aos visitantes como funcionava, originalmente, na Praça de Máquinas.

A sala instalada no Comando do 6º Distrito Naval (Com6ºDN) é uma homenagem ao pernambucano que ingressou na MB, como voluntário, aos 20 anos, em 1913. O Primeiro-Tenente Maximiano José dos Santos participou das duas Guerras Mundiais e de outros conflitos, viveu grande parte de sua vida na região do Pantanal e faleceu em 2006, aos 113 anos, deixando como legado sua notável carreira. Na Segunda Guerra, o então Suboficial Maximiano destacou-se pelo ato de bravura e heroísmo ao combater um incêndio de grandes proporções na Praça de Caldeiras do MParnaíba.

Após o período de reparos e atualizações, em 6 de novembro de 1999, no aniversário de 62 anos de sua incorporação, o navio iniciou um novo ciclo, agora modernizado e o único no Pantanal capaz de operar com aeronave orgânica. No mês seguinte, uma aeronave UH-12 do então 4º Esquadrão de Helicópteros de Emprego Geral pousou, pela primeira vez, a bordo do MParnaíba. Em março de 2022, foi realizado o pouso de número 2500.

MParnaíba no Brasil e exterior

O MParnaíba, também conhecido como “Jaú do Pantanal”, em referência a um peixe pantaneiro de boca larga, é um dos navios que mais navega pelo Rio Paraguai, realizando operações que contribuem para a aplicação do Poder Naval na área de jurisdição do Com6ºDN

(Mato Grosso e Mato Grosso do Sul).

Aos 85 anos, o caverna-mestra da Armada, subordinado ao Comando da Flotilha de Mato Grosso (ComFlotMT), Organização Militar pertencente ao Com6ºDN continua cumprindo sua missão, no Brasil e no exterior.

Anualmente, o MParnaíba realiza patrulhas navais e operações ribeirinhas junto a outros navios do ComFlotMT, participando de operações conjuntas e combinadas, como a Operação “ACRUX”, que reúne as Marinhas do Brasil, Argentina, Uruguai, Paraguai e Bolívia, com propósito de adestrar os meios envolvidos em uma Operação Ribeirinha Combinada.

A história do MParnaíba pelo olhar de quem se orgulha

Comandar o MParnaíba, nas palavras do Capitão de Corveta Dison José de Oliveira Santos Filho, que assumiu o cargo em junho de 2022, é como respirar história. “É carregar sobre os ombros o legado de gran-

des homens, heróis da Pátria. Fazer parte das comemorações dos 85 anos e escrever meu nome junto a tantos outros que me antecederam e labutaram nestes conveses, no cenário pantaneiro ou no mar, em tempos de paz ou guerra, é uma honra que dificilmente as palavras exprimem o sentimento”.

Dos 35 anos, três meses e nove dias de tempo de serviço ativo do Suboficial-SI Joacélio Alves de Freitas, militar de Fortaleza (CE), 18 foram a bordo do MParnaíba, sendo 14 ininterruptos. Em 2020, o Suboficial foi transferido para a reserva remunerada, mas retornou ao Com6ºDN contratado por tempo certo na Base Fluvial de Ladário. “Cheguei a Ladário em dezembro de 1992 e embarquei direto no MParnaíba. Depois de servir por um tempo no prédio da Flotilha, retornei ao navio e assumi a atribuição de controlar pousos de aeronaves orgânicas, por isso, lembro-me exatamente do dia do primeiro pouso no novo convoo, em 6 de dezembro de 1999”, relembrou.

Quando perguntado sobre sua experiência a bordo, a resposta é rápida e simples. “Digo que foi fácil, porque tudo se torna fácil quando o ambiente é muito bom no trabalho e em casa. Falo, também, sobre o fato mais marcante para mim, que foi quando, em comissão, em um domingo, trouxemos para Corumbá uma senhora em trabalho de parto. Ela já vinha descendo o rio, mais ou menos na região do Paraguai Mirim, cerca de 130 quilômetros do porto. Acontecimentos como esse, entre tantas outras lembranças, é o que eu guardo dos meus dias a bordo do Jaú do Pantanal”, contou.

Em 27 de novembro, houve o lançamento de Selo Comemorativo pelo 85º Aniversário do Monitor “Parnaíba”



Marinha forma primeiras Aspirantes dos Corpos da Armada e de Fuzileiros Navais

Dos 182 formandos, oito são do sexo feminino

Por: Capitão-Tenente (RM2-T) Camila Marques de Almeida

Fotos: Segundo-Sargento-DA Flávia Duarte dos Santos e acervo pessoal



Aspirantes da Turma "Patriarca da Independência"

Foi realizada, no dia 10 de dezembro, a Cerimônia de Declaração de Guardas-Marinha, na Escola Naval (EN), no Rio de Janeiro (RJ). Os Aspirantes da Turma "Patriarca da Independência" receberam suas espadas, símbolo do Oficial de Marinha do Brasil, e foram declarados Guardas-Marinha. Dos 182 formandos, oito são do sexo feminino e sete estrangeiros de Marinhas Amigas oriundos da Bolívia, Cabo Verde, Camarões, Panamá e de Senegal.

O diferencial, da cerimônia do ano 2022, foi a formatura das primeiras seis mulheres integrantes dos Corpos da Armada e de Fuzileiros Navais.

De acordo com o Comandante da EN, Contra-Almirante Adriano Marcelino Batista, a Escola Naval se orgulha em entregar à Marinha, as primeiras mulheres combatentes que puderam optar pelos Corpos da Armada e de Fuzileiros Navais. "Essas pioneiras, orientadas somente por suas vocações e pelo desempenho meritocrático, representam mais um exitoso passo na plena integração das mulheres à Força Naval", afirma. A Guarda-Marinha Débora da Silva Corrêa, de 24 anos, do Corpo da Armada demonstrou o quão é gratificante poder fazer parte deste grupo

excepcional e nobre de sentinelas dos mares do Brasil. "Há oito anos a primeira turma de Aspirantes do sexo feminino foi incluída nesse grupo, ao ingressar na Escola Naval, e esse ano, minha turma deu mais um passo rumo a uma inclusão, pois tivemos a grande oportunidade de poder optar e nos formar, sendo as primeiras Aspirantes do Corpo da Armada e de Fuzileiros Navais. Com isso, posso dizer que é uma honra poder pertencer a esta instituição e ser um componente de proteção dos nossos mares e da nossa Pátria".

A Guarda-Marinha Beatriz Cunha, de 23 anos, do Corpo de Intendentes, sempre admirou a carreira militar pela disciplina e a honra de servir à Pátria. "Na minha casa, eu e minhas duas irmãs somos da Marinha, então, é muito gratificante ver o espaço se abrindo para nós. Além disso, a minha é a primeira turma de mulheres que puderam escolher entre os três Corpos. Esse marco demonstra que cada uma poderá seguir sua própria vocação e atuar sem distinção na defesa da Pátria".

Para a Guarda-Marinha Helena de Souza Monteiro, de 22 anos, do Corpo de Fuzileiros Navais, a escolha pelo Corpo foi baseada nas ativi-

dades desempenhadas na EN, além de conversas com Oficiais e Praças. "A partir desse contato, eu escolhi o que mais achava que eu tinha a ver comigo. No futuro, penso em participar de missões no exterior, missões de paz, mas ainda tenho buscado conhecer um pouco mais sobre as possibilidades".

A EN tem o propósito de formar Oficiais de Marinha para os postos iniciais das carreiras nos Corpos da Armada, Fuzileiros navais e Intendentes.

Além da formação acadêmica e militar-naval inerentes à carreira, o currículo da EN é elaborado de forma a aprimorar os aspectos físicos, sociais e culturais, com a transmissão de valores éticos e morais, permitindo que os formandos possam liderar os subordinados nas futuras Organizações Militares distribuídas pelo território nacional. Após um ciclo escolar de quatro anos, os Guardas-Marinha iniciarão, em 2023, o ciclo pós-escolar da formação, com um ano de duração, intensificando as práticas profissionais, atingindo o ápice a bordo do Navio-Escola "Brasil" durante Viagem de Instrução com roteiro de aproximadamente cinco meses.

Dos formandos, oito são do sexo feminino

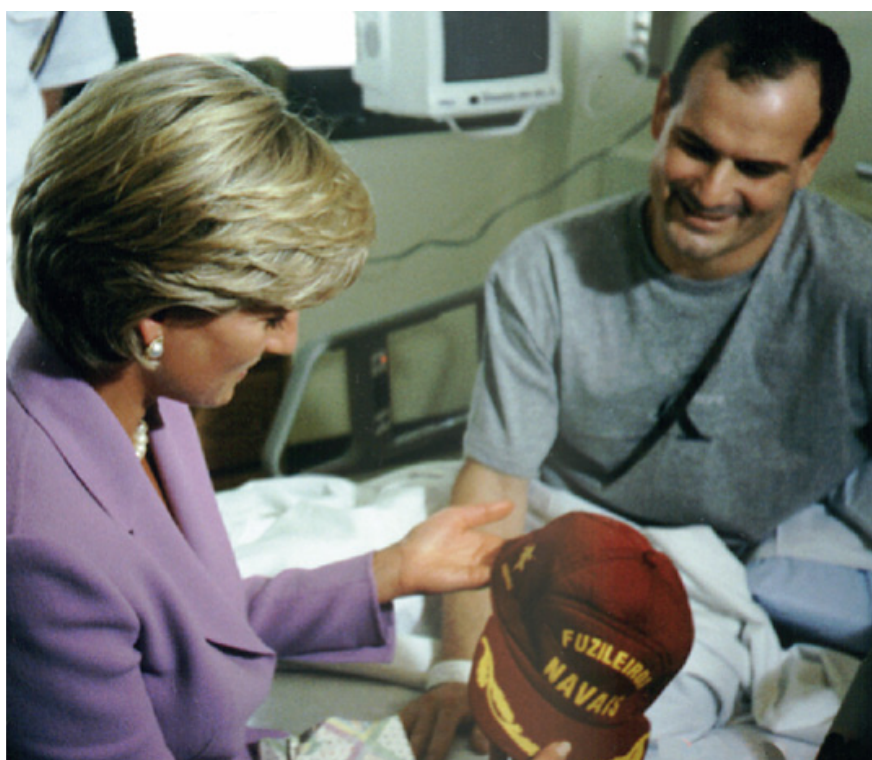


Marinha do Brasil chefia equipe em apoio à desminagem na Colômbia

Participação no grupo faz parte da adesão do Brasil à Convenção de Ottawa

Por: Agência Marinha de Notícias

Imagens: MN-RC Moisés de Sousa Alves, Acervo da Marinha e Junta Interamericana de Defesa



Princesa Diana visita o então Capitão de Corveta Rui no hospital nos EUA

O ano era 1997 quando um oficial da Marinha do Brasil (MB) – o então Capitão de Corveta (Fuzileiro Naval) Rui Xavier da Silva, que estava internado em um hospital nos Estados Unidos da América, foi visitado pela princesa Diana. O motivo foi a amputação do pé direito, por ter pisado em uma mina em Honduras, fronteira com a Nicarágua, durante uma missão para remoção de minas na América Central. Naquele período, a princesa estava em uma campanha mundial sobre os esforços para a remoção e destruição de minas terrestres.

No dia 3 de dezembro, completou 25 anos desde que o Brasil assinou a “Convenção sobre a Proibição do Uso,

Armazenamento, Produção e Transferência de Minas Antipessoal e sobre sua Destruição”, também conhecida como Convenção de Ottawa, firmada naquela cidade canadense em 1997. Desde então, ela já foi adotada por mais de 160 países, como parte dos esforços da comunidade internacional para reduzir os danos remanescentes às populações, decorrentes de conflitos armados.

Entretanto, segundo dados da Organização das Nações Unidas (ONU), após 20 anos de constante queda, o número de vítimas de minas no mundo voltou a aumentar desde 2017. Segundo a ONU, a Colômbia é um dos países com a maior contaminação de

minas antipessoais, artefatos explosivos improvisados e munição falhada em seu território e, consequentemente, maior quantidade de vítimas.

O Grupo de Monitoramento da Desminagem na Colômbia

Em 2006, foi criado o Grupo de Monitores Interamericanos da Missão de Assistência da Organização dos Estados Americanos ao Plano Nacional de Desminagem da Colômbia (GMI-CO), sob a coordenação da Junta Interamericana de Defesa (JID). E desde o dia 17 de novembro de 2022, a Marinha do Brasil está à frente da chefia do GMI-CO. O cargo foi assumido pelo Capitão de Mar e Guerra (Fuzileiro Naval) Leonel Mariano da Silva Júnior, passado pelo Coronel de Engenharia Cleber Machado Arruda, do Exército Brasileiro, em cerimônia realizada nas instalações da Organização dos Estados Americanos (OEA) em Bogotá, Colômbia.

De acordo com o Capitão de Mar e Guerra Leonel, chefe do GMI-CO até novembro de 2024 – o sexto oficial Fuzileiro Naval nessa função, e que atuou também na desminagem da fronteira entre Nicarágua e Honduras, de 2001 a 2003 – a participação brasileira neste tipo de missão traz o retorno humanitário e no apoio ao desenvolvimento colombiano, mas vai além, ao reforçar a integração e solidariedade do Brasil para com as nações amigas.

“Os militares do Grupo prestam apoio fundamental para se obter uma terra livre da suspeita de minas, permitindo o desenvolvimento sócio-econômico e a segurança das populações afetadas. Missões como



Remoção e destruição de minas terrestres

essa trazem, ainda, inequívocos ganhos profissionais, ao manter nosso pessoal em contato com a evolução tecnológica e doutrinária nas ações de remoção e destruição de minas terrestres e artefatos improvisados. Elas contribuem para o desempenho de nossa tropa em outros cenários em que essa capacitação seja relevante”, afirmou.

O GMI-CO contribui para os esforços da comunidade internacional de financiamento, apoio logístico e assessoria técnica para a destruição de minas terrestres antipessoais, artefatos explosivos improvisados e munições falhadas, remanescentes em solo colombiano após mais de cinquenta anos de conflitos internos. Desde 2006, o Grupo atuou principalmente na capacitação de pessoal militar colombiano para a atividade de desminagem no contexto humanitário, não de combate.

De 2008 até 2016, o papel do GMI-CO foi monitorar diretamente as ações de desminagem humanitária, tanto nas áreas com minas industrializadas que haviam sido lançadas pelas Forças Armadas colombianas para sua proteção, como nas áreas com minas e artefatos improvisados lançados por grupos guerrilheiros.

O GMI-CO já participou diretamente na certificação de 8 mil profissionais militares e civis, ao longo dos seus 16 anos de atuação. Por força dos acordos de paz, o pessoal do GMI-CO atua na certificação das organizações civis em uniformes do programa da OEA, como na foto acima.

Além dos militares do GMI-CO, a MB e o EB enviam oficiais e praças especializados para atuar como assessores e instrutores junto a essas

organizações. A MB tem ainda militares destacados no “Centro de Entrenamiento Anfibio” da Marinha colombiana, atuando na capacitação dos fuzileiros navais daquele país para essa atividade.

Para o Capitão-Tenente (Fuzileiro Naval) Vinícius Araújo, que atua como Monitor do GMI-CO desde agosto de 2021, as ações do GMI-CO são fundamentais para a geração de capacidade e o asseguramento de qualidade. “Compartilhamos a responsabilidade de atestar quem, militar ou civil, está em condições de ser credenciado nas diversas funções dentro da desminagem humanitária”, destacou.

As ações de desminagem humanitária pós-conflitos no continente americano, com a coordenação da

OEA e JID, iniciaram-se em 1993 em Honduras, alcançando ainda Costa Rica, Equador, Guatemala, Nicarágua, Peru e Suriname, além da própria Colômbia, sempre com a participação de fuzileiros navais da MB e militares do EB, todos especializados em engenharia de combate, atividade que tem em seu escopo a remoção e destruição de minas terrestres e outros artefatos explosivos.

No campo da desminagem humanitária, os fuzileiros navais brasileiros tiveram também atuação destacada nas Operações de Paz em Angola, de 1993 a 1995, sob a égide das Nações Unidas. No total dessas missões na África e nas Américas, a MB já enviou cerca de 300 oficiais e praças, engenheiros de combate ↴

Colômbia



- Durante o período de 1990 até 2022, foram 12.254 vítimas dos artefatos explosivos, sendo 60% (7.327) de membros das forças públicas e 40% (4.927) de civis. Desse total, 2.344 foram fatais.



- Desde 2006, foram destruídos 8.418 artefatos explosivos e 11.461.904,43 m² foram limpos em seu território, que possui 1.123 municípios, dos quais em 260 deles ainda há necessidade de atividades de desminagem humanitária.



- Em 138 municípios (ou parte deles), não há condições de segurança para trabalhos de desminagem humanitária, uma vez que, apesar dos acordos de paz recentes, ainda se registra no país o emprego de artefatos explosivos, principalmente improvisados, por parte de grupos armados que ainda não aderiram a esses acordos.

Bicentenário da Esquadra brasileira: da consolidação da Independência à defesa da Amazônia Azul

Cerimônia militar e religiosa estão entre as comemorações dos 200 anos de criação

Por: Agência Marinha de Notícias

Fotos: Suboficial-AV-RV Evandro Santana Boaventura e Acervo Marinha do Brasil

O Brasil comemorou a data histórica de criação da sua Esquadra. Foi em 10 de novembro de 1822 que o Pavilhão Nacional foi içado pela primeira vez em um navio de guerra brasileiro, a Nau “Martim de Freitas”, posteriormente rebatizada de Nau “D. Pedro I”, o primeiro navio capitânia da nossa Esquadra. Foi em meio às diversas oposições portuguesas que nascia a hoje conhecida Esquadra brasileira, a qual visava combater, naquele momento, as forças navais contrárias ao processo de independência. Para comemorar a data, foram realizadas uma cerimônia religiosa na Igreja da Candelária, no centro do Rio de Janeiro (RJ) e outra militar, a bordo do Navio Aeródromo Multipropósito “Atlântico”, atual capitânia da Esquadra.

Conforme afirma o chefe do Departamento de História Marítima e Naval da Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha (DPHDM), Capitão de Fragata Carlos André Lopes da

Silva, nesse processo de consolidação territorial, fazia-se necessária a criação de uma estrutura para combater diretamente a ação dos revoltosos. “O mais importante ministro da época, José Bonifácio, entendeu que a criação de uma Esquadra forte, ou seja, a instituição de um poder naval nacional, seria a condição indispensável para que o Brasil pudesse fazer frente a qualquer tentativa militar de retomada do controle por parte dos portugueses naquele momento”.

Ainda sobre esse período, a doutoranda em história, política e bens culturais da Fundação Getúlio Vargas (FGV), professora Jéssica de Freitas e Gonzaga da Silva, reforça também que era estratégico possuir uma esquadra atuante, uma vez que não dispúnhamos de estradas naquele período. “A defesa da soberania do recém-independente Império do Brasil e a preservação da integridade do território justificaram a criação imediata

da Esquadra brasileira em 1822. A ausência de estradas ampliava o papel estratégico das comunicações marítimas para garantir o transporte de tropas, a defesa do comércio internacional, a projeção de poder do governo central e a pacificação, assegurando as dimensões continentais brasileiras”, reforça a docente.

A Esquadra nos dias de hoje

Dois séculos se passaram e, desde então, a Esquadra brasileira permanece com o mesmo espírito de defesa da Pátria e de unicidade territorial. Além de toda a parte material da Força Naval, ressalta-se a importância do pessoal envolvido, conforme salienta o Comandante em Chefe da Esquadra, o então Vice-Almirante Arthur Fernando Bettega Corrêa. “O capital humano é imprescindível para o pleno cumprimento das missões e é o nosso maior patrimônio. A Esquadra de hoje é composta por homens e mulheres que vibram e se esmeram diariamente no exer-



cício de suas tarefas, de forma a manterem-se em condições de bem defender a nossa soberania e os nossos interesses na Amazônia Azul. São muitos os exemplos dos nossos antecessores que, nesses 200 anos de rica história, defenderam nossos interesses contra nações poderosas, quando o Brasil se fez presente por intermédio do núcleo do seu Poder Naval, a Esquadra”, afirmou.

Para a professora Jéssica, os projetos desenvolvidos pela Marinha do Brasil (MB) configuram um diferencial na mentalidade marítima da nação. “Em primeiro lugar, por permanecer promovendo um pensamento naval estratégico autônomo, a fim de conquistar independência tecnológica e dispor de um programa robusto de construção do núcleo do Poder Naval, entre os quais, destacam-se a continuidade do Programa de Desenvolvimento de Submarinos (PROSUB), do Programa de Desenvolvimento de Navios de Superfície (PROSUPER), do Programa de Obtenção de Navios com capaci-

dade de Controle de Área Marítima, o Programa de Construção de Navios-Patrolha (PRONAPA) e o Projeto Míssil Antinavio Nacional de Superfície (MANSUP). Esses projetos ambiciosos contribuem para afirmar o papel do Poder Naval na projeção internacional do Estado brasileiro, sobretudo, garantindo a negação do uso do mar ao inimigo e a capacidade dissuasória diante das ameaças contemporâneas”, disse.

Composição da atual Esquadra brasileira

A Esquadra é o conjunto de forças (compostas de navios de superfície de combate e de apoio, submarinos e aeronaves, incorporados à Marinha do Brasil), sob comando único, para fins administrativos.

Atualmente, o Brasil conta em sua Esquadra com um navio-aeródromo multipropósito, fragatas, corvetas, submarinos, navios de desembarque de carros de combate, de apoio logístico móvel, navio doca multipropósito,

de socorro submarino, aeronaves e embarcações anfíbias, além de centros de instrução, bases e centros de adestramento, capazes de desempenhar diversas tarefas.

A Esquadra do futuro

Revolucionando a tecnologia brasileira e a indústria naval, o PROSUB representa um significativo avanço tecnológico no País, pautado em capital intelectual, engenharia sensível e tecnologia de ponta, além de incentivar a política de defesa, impulsionar a capacitação de pessoal e fortalecer a soberania nacional.

O Submarino “Riachuelo” (S40) é o primeiro da classe dos quatro submarinos convencionais com propulsão diesel-elétrica, que permitirão maior poder de dissuasão nos 5,7 milhões de km² da nossa “Amazônia Azul”. Para proteger esse patrimônio e garantir a soberania brasileira no mar, a MB investe na expansão de sua Força Naval, como é o caso do S40, um importante elemento surpresa indispensável para negar o aces-



so de embarcações inimigas em território nacional, aumentando o poder dissuasório das Forças Armadas brasileiras.

Para atingir esse propósito, esse tipo de navio se vale de suas características particulares, notadamente, a capacidade de ocultação e o poder de causar danos a forças navais adversárias. Eles contam com sensores avançados – como o conjunto de sonares e os periscópios com câmeras para visão noturna –, além de um sistema de gerenciamento de combate dotado de modernos e complexos algoritmos, que permitem ao submarino detectar e classificar alvos a longas distâncias.

Para a construção dos submarinos brasileiros convencionais e, no futuro, do submarino convencionalmente armado com propulsão nuclear “Álvaro Alberto”, foi construído, em Itaguaí (RJ), um complexo naval que possui diversas instalações, equipamentos e sistemas especializados. Hoje, ele é um dos mais modernos estaleiros existentes, já que a cons-

trução de submarinos exige mão de obra altamente qualificada e um parque industrial equipado, de modo a possibilitar a execução das diversas atividades de fabricação, comissionamento e testes.

Tudo isso exige a integração de tecnologias sofisticadas, seguindo rigorosas normas e padrões de qualidade e segurança. Dessa forma, o Almirante Bettega afirma que “a Esquadra é composta por militares e civis profissionalmente capacitados, que buscam sempre se reciclar, aprendendo e desenvolvendo novas doutrinas, táticas e tecnologias, e que, de uma forma muito contundente, mantém elevados níveis de adestramento e prontidão, fundamentais para cumprirem com êxito as missões que lhes são confiadas”.

Além desses submarinos, a Marinha do Brasil também conduz o Programa das Fragatas “Classe Tamandaré” desde 2017, com o objetivo de promover a renovação da Esquadra com quatro navios modernos, de alta complexidade tecnológica, construídos no País.

As fragatas serão navios escoltas versáteis e de elevado poder combatente, capazes de se contraporem a múltiplas ameaças e destinados à proteção do tráfego marítimo e a negação do uso do mar, aptos a realizar missões de defesa do litoral brasileiro. Além disso, serão empregados também na patrulha das Águas Jurisdicionais Brasileiras, com ênfase na fiscalização e proteção das atividades econômicas, tais como a atividade comercial, com a utilização do transporte marítimo, a petrolífera e a pesqueira.

Cerca de dois mil empregos diretos e seis mil indiretos devem ser gerados no auge da construção dos navios com, pelo menos, 30% de conteúdo nacional no primeiro navio, e 40% a partir do segundo. Isso proporciona uma transferência gradual de tecnologia em engenharia naval para a fabricação de navios militares, além de sistemas de gerenciamento de combate, da propulsão e dos demais subsistemas que compõem um navio de guerra ↴



Navio-Aeródromo Multipropósito "Atlântico", atual Navio Capitânia da Esquadra

Dia Nacional da Amazônia Azul

Conheça a diversidade de atividades desenvolvidas

Por: Agência Marinha de Notícias

Fotos: Andrea Izzotti e Acervo Marinha



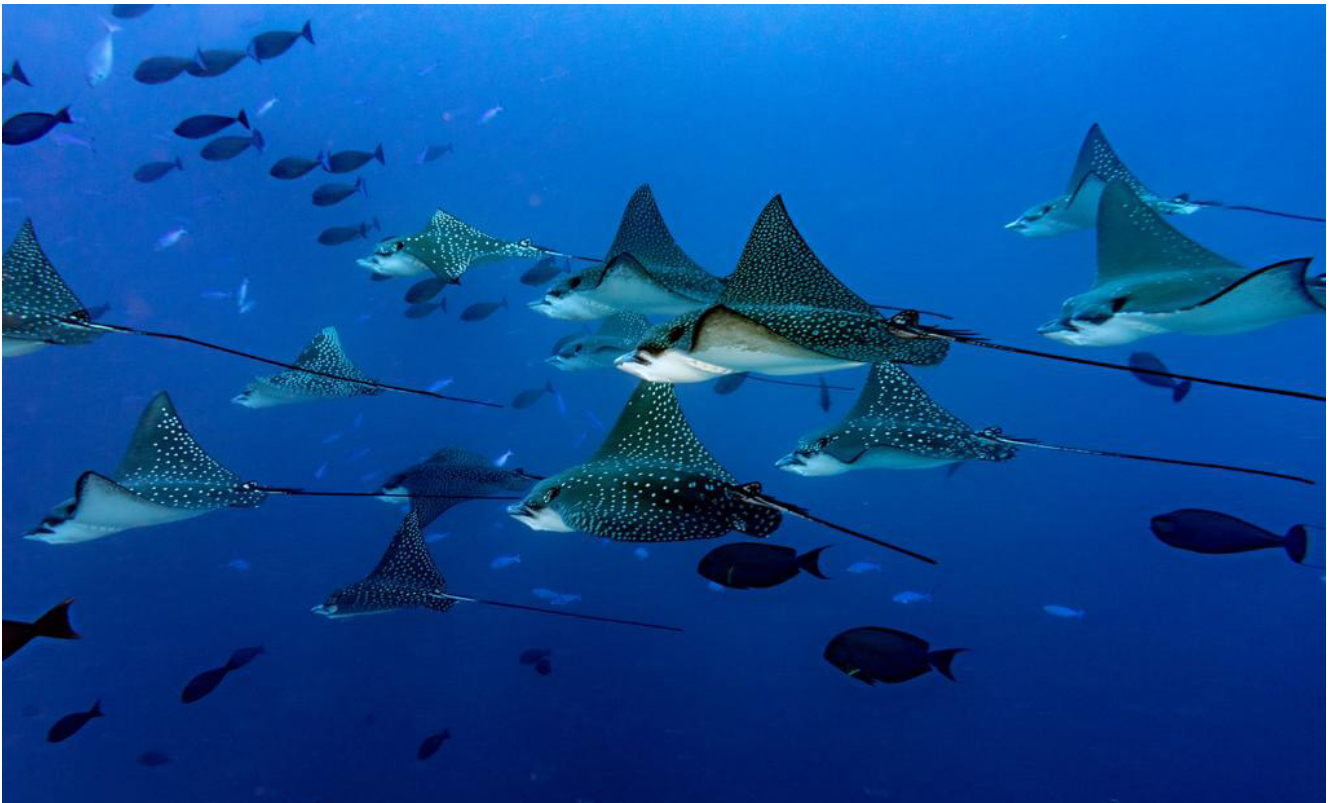
A Lei nº 13.187 de 2015 instituiu o Dia Nacional da Amazônia Azul, comemorado anualmente em todo o território nacional no dia 16 de novembro. A data visa conscientizar a população sobre a importância da Amazônia Azul, área oceânica ligada ao território brasileiro com cerca de 5,7 milhões de km², superior à dimensão da Amazônia Verde e equivalente em termos de biodiversidade e recursos.

Em 2022, a Marinha do Brasil (MB) contabilizou, até o mês de novembro, que 142 pesquisadores embarcaram

em seus navios de pesquisa, incluindo os que operam na Antártica. Muitas dessas expedições ocorrem nas ilhas oceânicas, entre elas o Arquipélago de São Pedro e São Paulo (ASPSP) e a Ilha da Trindade, onde a Marinha tem estruturas apropriadas para apoiar pesquisas e hospedar adequadamente os pesquisadores.

O Vice-Reitor da Universidade Federal de Pernambuco, Professor Doutor Moacyr Cunha de Araújo Filho, afirma que o embarque para a realização de pesquisas científicas

é fundamental para os graduandos em Oceanografia e áreas afins. “Para trabalhar em ciências do mar, os embarques são momentos de muito aprendizado. Eudiriaque é fundamental para o pesquisador, aquele que vai seguir carreira acadêmica, ter experiências de embarque, para sentir toda dificuldade, preocupação e aprendizado de coletar dados no local”, afirmou o pesquisador que participa de expedições em navios de pesquisa da Marinha desde a década de 1990.



O ecossistema marinho e a diversidade de seres vivos

O Professor Doutor Moacyr compara o oceano a um grande laboratório ao ar livre. “É como um laboratório no qual nós ainda não conhecemos todas as áreas, todas as seções. E uma delas seria o assoalho oceânico, a parte mais profunda do oceano. Eu acho que nós temos uma grande oportunidade de avançar nesse sentido, e utilizar o oceano como uma verdadeira plataforma de estudo, de ensino, de formação e também como um grande celeiro de reservas naturais que estão sendo muito pouco exploradas. E fazer isso com sustentabilidade é fundamental”.

Interesses nacionais na Amazônia Azul

Para a Capitão de Mar e Guerra Ana Cláudia de Paula, oceanógrafa e Encarregada da Divisão de Recursos Vivos da Secretaria da Comissão Interministerial para os Recursos do Mar (SECIRM), é essencial o envolvimento da Marinha para o desenvolvimento de pesquisas nas áreas oceânicas e marinhas do Brasil. “Em função da extensão da Amazônia Azul, de sua relevância para o País e para o balanço climático

global, emerge uma diversidade de indagações científicas, em diferentes áreas do conhecimento. Desta forma, a MB alia-se ao esforço nacional por meio de parcerias com instituições científicas e de fomento à pesquisa. Sendo assim, ter pesquisadores embarcados em seus navios consolida uma das contribuições da Marinha em fortalecer a ciência brasileira no cenário internacional”, afirmou.

As pesquisas contribuem para a ampliação do conhecimento e para a eficaz utilização do meio ambiente marinho no interesse da MB, sendo fundamentais para o emprego e planejamento de operações navais, de socorro e de salvamento. “Essas pesquisas também são importantes ferramentas para o Sistema de Gerenciamento da Amazônia Azul, contribuindo para o estabelecimento da arquitetura e distribuição de sensores na costa e nas ilhas oceânicas brasileiras”, explicou a Capitão de Mar e Guerra (T) Ana Cláudia.

A Comissão Interministerial para os Recursos do Mar (CIRM) possui três planos que se relacionam diretamente com a Amazônia Azul: o

Plano de Levantamento da Plataforma Continental Brasileira (LEPLAC); o Plano Nacional de Gerenciamento Costeiro (PNGC); e o Plano Setorial para os Recursos do Mar (PSRM).

O LEPLAC tem o objetivo de estabelecer o limite exterior da Plataforma Continental para determinar a área marítima, além das 200 milhas náuticas, na qual o Brasil exercerá seus direitos de soberania para a exploração e o aproveitamento dos recursos naturais do leito e subsolo marinho.

O PNGC visa promover o gerenciamento costeiro do País, bem como o ordenamento do uso sustentável dos recursos costeiros, por meio do planejamento integrado da utilização desses recursos. O ordenamento é importante porque a Zona Costeira abriga um mosaico de ecossistemas de alta relevância ambiental, cuja diversidade é marcada pela transição de ambientes terrestres e marinhos.

Já o PSRM tem diversos programas e ações voltadas para a conservação e a exploração sustentável dos recursos marinhos, conduzidas e coordenadas pela

CIRM. Por meio do PSRM é possível realizar atividades de pesquisa, de monitoramento oceanográfico e estudos do clima, bem como de exploração e conservação dos seus recursos naturais. As pesquisas são desenvolvidas nas Ilhas de Trindade e Martin Vaz e no Arquipélago de São Pedro e São Paulo, por meio do Programa de Pesquisas Científicas na Ilha da Trindade e do Programa Arquipélago de São Pedro e São Paulo.

A Amazônia Azul e suas riquezas ambientais

Quando falamos em oceanos, cabe lembrar que eles cobrem aproximadamente 71% da superfície

terrestre, o que equivale a 361 milhões de quilômetros quadrados, com um volume de cerca de 1,3 bilhões de quilômetros cúbicos, onde encontra-se 97% da água disponível do nosso planeta. Neste contexto, o bioma marinho apresenta uma considerável gama de ecossistemas presentes na Zona Costeira e Oceânica que inclui ilhas, arquipélagos e a plataforma continental.

Quando observamos política e geograficamente o Brasil, podemos afirmar que o País é uma nação de vocação marítima e está entre as dez maiores Zonas Econômicas Exclusivas do mundo, com uma área equivalente à Amazônia Verde, posicionando-o entre os maiores

produtores mundiais de petróleo e gás *offshore*, além de possuir um dos maiores *hubs* de cabos submarinos do mundo.

As atividades econômicas, os riscos associados ao aumento do comércio marítimo, a degradação ambiental, a poluição das águas, o interesse crescente por recursos energéticos e minerais existentes reforçam a importância de proteção da “Amazônia Azul”. Desta forma, a sociedade depende de políticas públicas para garantir o cuidado com o meio ambiente, a sustentabilidade e a exploração racional.

De acordo com o professor de economia da Escola de Guerra Naval e Coordenador do Grupo Economia do

Navios e estações científicas apoiam pesquisas na “Amazônia Azul”



Ouçá o podcast
"A TODO PANO"

Mar, Thauan Santos, é imprescindível ter clareza do papel-chave que a ciência tem sobre o desenvolvimento da economia azul, bem como sobre o conhecimento acerca dos oceanos, de modo geral. Em 2021, a Organização das Nações Unidas (ONU) lançou oficialmente a Década da Ciência Oceânica para o Desenvolvimento Sustentável (2021-2030), mais conhecida como “Década do Oceano”, destacando que a ciência é essencial para o aumento do conhecimento sobre o oceano.

“Isso é chave não apenas para a promoção de um oceano que seja produtivo e sustentável, mas também limpo, saudável, seguro, acessível, previsível e inspirador. Assim, é de

fundamental importância a realização de pesquisas e estudos que, por exemplo, facilitem a viabilidade técnica e econômica de determinadas atividades marítimas e que utilizem recursos marinhos, promovendo setores-chave da economia do mar”, afirma o professor Thauan.

Amazônia Azul e o meio ambiente

A Marinha como Autoridade Marítima Brasileira estabelece em normas próprias, as NORMAM, orientações aos usuários do mar quanto a diversos aspectos. Na vertente ambiental, destacam-se as normas sobre poluição hídrica causada por embarcações, plataformas e suas instalações

de apoio. Estas normas têm como propósito estabelecer procedimentos em caso de lançamento de óleo e outras substâncias nocivas ou perigosas em nossas águas; estabelecer procedimentos para o gerenciamento de águas de lastro de embarcações; e estabelecer procedimentos referentes ao controle do uso de sistemas anti-incrustantes danosos ao meio ambiente marinho.

A segurança da navegação e as normas ambientais são objeto de uma série de convenções, códigos e resoluções adotadas pela Organização Marítima Internacional. Como exemplo, a conferência de 1972 que teve como resultado a Declaração de Estocolmo sobre o



Meio Ambiente Humano, com várias diretrizes para a governança ambiental global e a criação do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA). São 50 anos de consolidadas condutas sustentáveis na rotina diária das pessoas e organizações.

Sob a liderança do PNUMA, grandes corporações, organizações não governamentais, comunidades e governos de todo o mundo defendem diversas causas ambientais. “Nós, militares da Marinha do Brasil, devemos ser sempre o exemplo de zelo e cuidado com o meio ambiente, em especial o aquático, para que possamos inspirar e multiplicar ações mais sustentáveis em diversos níveis e setores da nossa sociedade”, destacou o Diretor de Portos e Costas, Vice-Almirante Sergio Renato Berna Salguerinho.

A sociedade, além de se ater às questões normativas e legais, necessita entender o papel da cultura oceânica e a importância do engajamento nessas questões. “Se a população, por exemplo, não sabe que o lixo urbano, mesmo de uma cidade não litorânea, poderá ter impactos significativos sobre afluentes de rios ou sobre o ambiente

costeiro, leis e regras punitivas eventualmente terão seu escopo de atuação bastante limitado. A proteção do ambiente marinho e dos recursos hídricos, de modo mais amplo, possui relação direta com águas interiores, águas subterrâneas, águas nacionais e mesmo potenciais impactos nas dinâmicas do alto-mar, que exigem um esforço coletivo de políticas públicas que vão desde o ensino nas escolas até as punições legais no sentido de engajar a sociedade em prol de uma relação mais harmônica entre terra e mar”, considerou o professor Thauan.

Livro inédito sobre Economia Azul é lançado no Rio

Ainda sobre os eventos comemorativos da Amazônia Azul, a Marinha do Brasil (MB) lançou o livro “Economia Azul: vetor para o desenvolvimento do Brasil” no mês de novembro na Escola de Guerra Naval, no Rio de Janeiro (RJ). A obra, de cunho científico, contempla o primeiro grande compêndio referente à temática.

A publicação, que foi planejada e coordenada pela Diretoria-Geral de

Navegação, organização da Marinha que possui uma forte interlocução com a comunidade marítima, traz à tona a reflexão sobre questões fundamentais referentes à Economia Azul para o País como conceitos, governança, ciência, tecnologia, inovação e aspectos econômicos. “Trata-se de um instrumento educacional, que visa tornar-se referência acadêmica no âmbito do ensino nacional e internacional e que fomentará o desenvolvimento da mentalidade marítima brasileira”, assegurou o Diretor-Geral de Navegação, Almirante de Esquadra Wladmilson Borges de Aguiar.

Com 816 páginas e 37 capítulos, a obra foi organizada pelos doutores: Thauan Santos, André Panno Beirão, Moacyr Cunha de Araújo Filho e Andréa Bento Carvalho, além de contar com a colaboração de 83 autores. O livro será disponibilizado gratuitamente no site da Marinha, em formato *e-book*, e distribuído de forma impressa às diversas instituições de ensino e organizações nacionais e internacionais que têm relação com os temas abordados.

Autores e organizadores (de terno ao centro) da obra durante o lançamento do livro na EGN





Patrulhamento de navio da Marinha nas proximidades do Arquipélago de São Pedro e São Paulo

O Capitão de Mar e Guerra e professor do Programa de Pós-Graduação em Estudos Marítimos da EGN, André Panno Beirão, revela que o projeto começou a ser pensado em meados de 2018. Na época, ele participava como organizador de outro livro, “O valor do Mar”, e que primeiramente surgiram algumas iniciativas de realizar o livro sobre Economia Azul com outros órgãos, como o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) e o Ministério da Economia, mas foi a Marinha quem acolheu a ideia. “É uma obra de peso, literalmente, afinal de contas o livro impresso pesa mais de dois quilos e tem mais de 800 páginas, é quase uma bíblia da Economia do Mar, espero que seja a primeira de muitas”, afirmou.

Seminário "Economia Azul"

Outro evento importante para reforçar a importância da “Amazônia Azul” foi o Seminário internacional “Economia Azul: Desenvolvimento, Desafios e Oportunidades” realizado no formato *online* e transmitido, ao vivo, por meio do canal da Federação das Indústrias do Estado do Rio de

Janeiro no *YouTube*. Foram debatidos temas como Economia Azul e Planejamento Espacial Marinho

O Capitão de Mar e Guerra André Beirão, do Observatório de Políticas Marítimas da Escola de Guerra Naval (EGN), foi o mediador do painel “Planejamento Espacial Marinho: Alternativas de Desenvolvimento Sustentável”, no primeiro dia do evento. “Diante de um espaço em que os debates tinham como objetivo falar de todas as implicações do quanto, como, onde e o que se pode fazer no mar, vimos vários exemplos de ações que já estão sendo feitas. Vimos também a importância do planejamento. Essa mentalidade marítima está subjacente no brasileiro. Infelizmente, ainda é uma realidade de poucos. Quando a gente pensa em viajar na virada de ano, pensamos em ir à praia. Portanto, a importância do patrimônio marítimo nacional precisa ser difundida”, explicou.

O professor Thauan Santos, do Grupo Economia do Mar da EGN, durante a mesa de encerramento do seminário, também ressaltou a importância de manter o

discurso sobre a Economia Azul vivo e permanente. “É essencial que a gente comece 2023 à luz dessas discussões. A Economia Azul no Brasil tem ganhado uma relevância muito grande com o Cluster Tecnológico Naval do Rio de Janeiro, porque ele, efetivamente, movimentou atores silenciados na região e conseguiu estimular um diálogo coletivo, participativo e crescente. Nós precisamos entender que falar sobre economia do mar no Brasil exige uma perspectiva complexa. Mas o Brasil tem feito esforços muito importantes, estamos nos movimentando e correndo para desenvolver uma agenda que na agenda global já acontece há muitos anos”, concluiu.

Após dois dias de debates, com a participação de nomes relevantes do país e do exterior, o Seminário internacional “Economia Azul: Desenvolvimento, Desafios e Oportunidades” alcançou seu objetivo principal: promover uma ampla discussão sobre o desenvolvimento e oportunidades da Economia Azul, tema de grande importância para a sociedade brasileira ⚓

Militares se preparam para atuar em operações de paz da ONU

Profissionais da saúde participam de curso de medicina operativa

Por: Primeiro-Tenente (RM2-T) Thaís Cerqueira Francisco

Fotos: Segundo-Sargento-MR Israel Cassiano dos Santos Duarte

Em 2022, o Brasil recebeu uma certificação inédita da Organização das Nações Unidas (ONU) para participar de missões de paz, elevando a capacidade da tropa da Marinha do Brasil (MB) para o nível III. Esse fato ampliou ainda mais a necessidade de atuação e capacitação das ações de Medicina Operativa, já que ela está presente nas operações navais, calamidades públicas e missões humanitárias e de paz.

A Medicina Operativa é um segmento da área de saúde que tem como propósito assistir os indivíduos em operações militares, em ambiente crítico ou de combate, onde os recursos humanos e materiais - tais como suprimentos, tempo, local, condições climáticas e epidemiológicas - podem estar significativamente restritos ou adversos. Ela é baseada em princípios, técnicas e conhecimentos estabelecidos pela

assistência de saúde em geral, porém adaptada às peculiaridades da vida militar.

Sua capacidade de atuação é bastante abrangente, podendo ser aplicada em todos os ambientes onde operam militares da MB, como lembra o Diretor do Centro de Medicina Operativa da MB, Capitão de Mar e Guerra (Médico) Kleber Coelho de Moraes Ricciardi. “Estamos em terra, no ar e no mar; acima e abaixo da linha

Atividades teóricas que abordam assuntos atinentes ao apoio, ao combate e à assistência humanitária





Militares simulam contenção de hemorragia

d'água; nas Operações de Paz e humanitárias; no apoio às situações de desastre; além de nos mantermos sempre presentes no continente antártico”.

Curso Especial Unidade Médica Nível II

No mês de outubro, é comemorado o Dia do Médico, destacam-se as peculiaridades e características próprias dessa profissão no ambiente operacional. O médico necessita de uma formação militar adequada às funções a qual precisa desempenhar e que difere da medicina comum praticada no dia a dia dos hospitais, devendo também estar apto a atuar e sobreviver em ambientes hostis, reagir rapidamente contra fogos e explosivos, orientar-se no terreno, entre outros desafios.

Com o objetivo de capacitar pessoal em atividades de saúde para atuar em Operações de Paz da ONU ou em resposta a desastres e em operações de ajuda humanitária, é realizado pela MB, anualmente, o Curso Especial Unidade Médica Nível II. Anteriormente realizado como adiestramento, após reformulação, o

curso teve sua primeira edição em 2019.

O propósito é preparar Oficiais e Praças da MB, das Forças Armadas e Forças Auxiliares para o desempenho de funções técnicas como integrantes de uma Unidade Médica nível II, ativada em apoio às Operações de Manutenção de Paz (OMP) da ONU, à resposta em desastres e às operações de ajuda humanitária provendo, assim, assistência e serviços de saúde adequados e integrados, salvaguardando a vida humana.

O curso, com duração de aproximadamente um mês, com parte teórica e prática, inclui atividades como natação utilitária, sobrevivência básica na selva, Unidade de Treinamento de Escape para Aeronaves Submersas, atendimento pré-hospitalar, entre outros. A Primeiro-Tenente (Médica) Noelle Gonçalves de Pinho, que foi uma das alunas da última edição, conta o porquê decidiu fazer o curso. “Quero estar apta a atuar em Operações de Paz e Humanitárias, situações em que as pessoas realmente precisam de nós e, com isso, mi-

nha atuação será sempre muito gratificante”, reforçou ela.

De acordo com o Capitão de Mar e Guerra Ricciardi, “ao concluírem essa etapa, os militares estarão capacitados para integrar o apoio de saúde para contingentes em Operações de Paz até o nível II de evacuação, bem como atuar em situações inesperadas de apoio aos desastres naturais ou antropogênicos”. Um exemplo recente dessa atuação deu-se no início de 2022, com as fortes chuvas ocorridas na região de Petrópolis (RJ).

A ONU possui vários níveis de evacuação e cada estágio possui um determinado modelo de atendimento médico. No nível I, a capacidade diz respeito ao suporte básico de vida e a estabilização do paciente, com capacidade máxima para dois dias de internação e observação dos pacientes. Na Unidade Médica nível II, cria-se a estrutura de um pequeno hospital, com capacidade cirúrgica, atendimento com especialidades médicas diversas e condições de internação por um período maior e com mais leitos disponíveis ↴

Expedição leva pesquisadores à área remota da Amazônia Azul

Projetos de diversas universidades embarcam em busca de dados a mais de 4 mil metros de profundidade

Por: Capitão-Tenente (RM2-T) Luciano Franklin de Carvalho

Fotos: Segundo-Sargento-MR Israel Cassiano dos Santos Duarte e Acervo da Marinha



Pesquisadores chegam ao Arquipélago por meio do Navio "Vital de Oliveira"



Apesar de não possuir grandes dimensões, o conjunto de ilhas rochosas isoladas no meio do oceano Atlântico, conhecido como Arquipélago de São Pedro e São Paulo, situado a cerca de mil quilômetros da costa brasileira, atrai cada vez mais cientistas em busca de conhecer suas riquezas naturais. E o interesse não é de agora. O mais famoso visitante nas ilhas foi Charles Darwin em 1832, durante viagem ao redor do mundo que culminou com o desenvolvimento da sua famosa Teoria da Evolução.

O arquipélago tem uma área total emersa de aproximadamente 17 mil m², equivalente a mais ou menos dois campos de futebol. Embora pequenos, os rochedos têm formação rara e são cercados de rica biodiversidade, que proporciona condições únicas para a realização de pesquisas em diversos ramos da ciência.

No início deste mês, o Navio

de Pesquisa Hidroceanográfico “Vital de Oliveira” levou 23 pesquisadores selecionados pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações (MCTI) para o levantamento de dados de projetos científicos que buscam compreender melhor o que está ocorrendo no entorno das ilhas.

Durante um período de 15 dias, pesquisadores da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), Universidade Federal Fluminense (UFF), Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) e Universidade de São Paulo (USP) estiveram a bordo do navio da Marinha, com atenção voltada para essa remota área da Amazônia Azul.

A diversidade de instituições, de diferentes regiões do

País, comprova a importância e interesse por essa longínqua porção do território nacional. Entre as atividades desenvolvidas pelo navio e pelos pesquisadores nessa missão destacam-se: o estudo de poluentes orgânicos persistentes; o monitoramento da atividade sísmica e de emissões bioacústicas; o imageamento do assoalho oceânico (técnica que gera imagens mapeando a composição molecular de um determinado material); a caracterização de fungos presentes em sedimentos marinhos profundos do oceano Atlântico, com coleta de amostras a mais de 4 mil metros de profundidade; a avaliação dos fatores ecológicos e da pressão antrópicas atuando sobre as aves marinhas; o monitoramento da biodiversidade marinha em ilhas oceânicas brasileiras; e o monitoramento da distribuição e abundância de cetáceos (baleias e golfinhos) entre a costa do Nordeste do País e o Arquipélago São Pedro e São Paulo (ASPSP).

Seleção dos projetos

O Assistente Técnico da Coordenação-Geral de Oceano, Antártica e Geociências do MCTI, Iran Cardoso Júnior, explica que, no caso de expedições coordenadas pelo ministério, é realizada pelo órgão uma consulta aos pesquisadores que têm projetos já aprovados pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) ou pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), para viabilizar a demanda de pesquisas embarcadas. O processo é feito em conjunto com a Marinha, que analisará a questão logística.

“Começamos a estudar com o pessoal do Grupamento de Navios Hidroceanográficos a exequibilidade do projeto, se é factível aquelas áreas pretendidas, e se o navio tem equipamentos em condições de atender determinadas demandas”, destaca Cardoso.

Com o intuito de dar mais

transparência ao processo, em agosto deste ano, o MCTI lançou consulta pública para identificar as demandas da comunidade científica que deseja utilizar os navios de pesquisa. Os interessados têm 30 dias, a contar da data de publicação do edital, para apresentar projetos que necessitem do apoio dos navios.

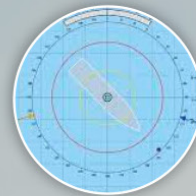
Para o Comandante do “Vital de Oliveira”, o Capitão de Fragata Daniel Peixoto de Carvalho, “a operação de um meio militar com modernos equipamentos de pesquisa à disposição da comunidade científica produz uma sinergia fundamental para a exploração das riquezas naturais, sendo um excelente vetor na direção da prosperidade e soberania brasileira”.

O professor Arthur Ayres é um dos pesquisadores que esteve a bordo do navio “Vital de Oliveira” com destino ao arquipélago. Ele conduz a pesquisa “Caracterização e Biotecnologia de fungos presentes em sedimentos marinhos profundos no oceano Atlântico ao longo da costa brasileira”, coordenado pela UFMG com parceria da UFF.

Segundo o especialista, as pesquisas nesta área ajudam a entender antecipadamente o que está acontecendo com a saúde do oceano e o que está impactando a fauna e a flora marinha. Ele explica que, além disso, é possível também realizar estudos que podem contribuir para o desenvolvimento da gestão dos recursos naturais, para a exploração biotecnológica (como a produção de fármacos), para o estudo geológico e sísmico (para a pesquisa de recursos minerais) e para a preservação de espécies com risco de extinção.

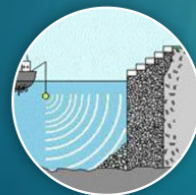
De acordo com a coordenadora do projeto “Sentinelas da Amazônia Azul”, professora da UFRN Renata de Sousa-Lima, que realiza pesquisas bioacústicas sobre cetáceos na costa brasileira, “as oportunidades de realizar pesquisas na região são escassas, pois é uma localização de difícil acesso

“Pesquisa Vital, na



Tecnologia

Possui um sistema de posicionamento dinâmico que controla automaticamente a posição da embarcação por meio de sensores que enviam sinais para a propulsão do navio e mantendo-a no local correto para a realização da faina.



Sondagem

Opera com um sonar de varredura lateral, além de dois ecobatímetros multifeixe e um perfilador subfundo para imagear o solo e o subsolo marinhos.

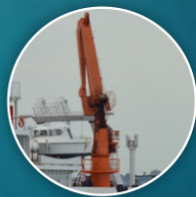
no mar? vegar!”

Pesquisa

É o maior laboratório flutuante do Brasil. Dotado de 28 equipamentos científicos que proporcionam um melhor conhecimento das riquezas da Amazônia Azul.

Pessoal

Capacidade para 90 tripulantes e 40 pesquisadores.



Guincho

Dispõe de seis guinchos oceanográficos para coleta de água e sedimentos até 8.000 metros de profundidade, com posicionamento dinâmico da embarcação por computador.

e, portanto, com poucas informações conhecidas. O fato de ser uma área pouco explorada torna a participação na expedição ainda mais especial”. Já a vice-coordenadora do projeto, Manuela Bassoi, que estuda a distribuição desses animais entre a costa do Rio Grande do Norte e o ASPSP, relata que cada oportunidade que se tem de explorar essa região é única. “A parceria com a Marinha tem nos ajudado muito neste sentido”, conclui.

O arquipélago está em um ponto crítico para a navegação, pois as ilhas não são de fácil detecção a olho nu, principalmente em condições adversas de luz e de tempo, o que já provocou alguns naufrágios ao longo da história. A origem do nome das ilhas é justamente uma referência a um resgate lá realizado de marinheiros que haviam caído da embarcação portuguesa “São Pedro” e foram socorridos pela caravela lusitana “São Paulo”, em 1511.

Posição estratégica

O ASPSP é o ponto do Brasil mais próximo da África, a 1.820 quilômetros de Guiné Bissau. As ilhas também estão localizadas no hemisfério norte, próximas à linha do Equador, uma posição geográfica estratégica entre os hemisférios norte e sul e os continentes africano e sul-americano. Sua importância também se verifica no tocante ao aspecto econômico, pois pertence à rota de espécies migratórias de aves e de peixes de alto valor comercial, como o atum, por exemplo.

Além desses aspectos, a região também tem uma relevância para o Brasil no cenário geopolítico, uma vez que, com a ocupação permanente do arquipélago por meio da instalação de uma estação de pesquisa científica, o país pôde agregar à sua Zona Econômica Exclusiva uma área de aproximadamente 450 mil km², equivalente ao tamanho dos estados do Paraná e São Paulo.

Para saber mais sobre o arquipélago ou sobre as pesquisas lá realizadas acesse o site

da Secretaria da Comissão Interministerial para os Recursos do Mar (SECIRM).

Navio de Pesquisa Hidroceano-gráfico “Vital de Oliveira”

O “Vital de Oliveira” entrou em operação em 2015, fruto de um Acordo de Cooperação assinado entre a MB, o MCTI, a PETROBRAS, o Serviço Geológico do Brasil e a VALE, para ampliar a infraestrutura para a pesquisa científica marinha.

O navio tem a missão de realizar levantamentos hidroceano-gráficos, coleta de dados ambientais e de apoiar pesquisas científicas em áreas marítimas de interesse, além de executar tarefas afetas aos auxílios à navegação, a fim de contribuir para o cumprimento das atividades relacionadas à Diretoria de Hidrografia e Navegação.

O “Vital de Oliveira” é considerado um dos mais modernos e completos navios de pesquisa do Hemisfério Sul. Ele tem a capacidade de atuar em diversas áreas da hidrografia (geofísica, oceanografia, acústica submarina e meteorologia) e, ainda, de apoiar uma enorme gama de projetos científicos de instituições de pesquisa e de universidades que possuem interesse nos recursos vivos e não vivos, água ou leito marinho da “Amazônia Azul”.

Atualmente, um dos empregos de maior destaque do navio é o imageamento do relevo marinho na Elevação do Rio Grande, área com a extensão estimada em cerca de 1 milhão de quilômetros quadrados e que está sendo pleiteada junto à Comissão de Limite da Plataforma Continental da Organização das Nações Unidas.

Para o Primeiro-Sargento (Hidrógrafo) Eric de Melo Silva, que já serve no navio há sete anos, “é motivo de muito orgulho contribuir para a proteção da nossa Amazônia Azul, pois participamos ativamente do desenvolvimento de pesquisas científicas que nos ajudarão a preservar e a utilizar de forma sustentável esse enorme patrimônio nacional” ⚓

"OPERANTAR XLI" garante a presença brasileira no continente Antártico

Operação completou 40 anos em 2022

Por: Primeiro-Tenente (RM2-T) Leonardo Ferreira Trindade

Fotos: Acervo da Marinha



O Navio de Apoio Oceanográfico “Ary Rongel” e o Navio Polar “Almirante Maximiano” desatracaram da Base Naval da Ilha das Cobras rumo ao continente Antártico, com previsão de permanência até abril de 2023. A Operação Antártica (OPERANTAR) completa quatro décadas neste ano de 2022 e, além do intuito da preservação local e de toda a biodiversidade, tem como principal objetivo atingir a promoção de pesquisa científica diversificada e de alta qualidade na região antártica, garantindo assim ao Brasil a condição de Membro Consultivo do Tratado da Antártica.

A OPERANTAR XLI também dará prosseguimento ao retorno do pleno uso dos laboratórios da nova Estação Antártica Comandante Ferraz (EACF) e

das investigações *in loco*, já iniciadas no último verão antártico, possibilitando a continuidade da produção científica e da presença do País no continente austral.

Tanto o navio “Almirante Maximiano” quanto o “Ary Rongel” transportam os tripulantes e os pesquisadores entre o Brasil e a EACF, bem como lançam e recolhem acampamentos de pesquisadores espalhados pela Antártica, por meio de bote ou helicóptero. Além disso, possuem sete laboratórios, no total, para processamento de pesquisa embarcada.

Segundo o Comandante do navio “Almirante Maximiano”, Capitão de Mar e Guerra Dieferson Ramos Pinheiro, “os navios apoiarão os projetos científicos de diversas áreas do conhe-

cimento da OPERANTAR XLI. Dentro desses projetos serão realizadas pesquisas nos mais diversos campos, tais como: meteorológico, atmosférico, oceanográfico, hidrográfico, morfológico, biológico e da paleontologia. Ressalta-se que, além dos conhecimentos acadêmicos, tais pesquisas poderão trazer benefícios para as áreas da medicina, com a formulação de medicamentos; da agricultura, no desenvolvimento de novos pesticidas e herbicidas; e da indústria, na fabricação de produtos como anticongelantes e protetores solares”.

Já para o Comandante do navio “Ary Rongel”, Capitão de Mar e Guerra Fabiano de Medeiros Ichayo, “estudar a Antártica reveste-se de importância à medida que a humanidade concentra



O Navio de Apoio Oceanográfico “Ary Rongel” presente na Antártica



Familiares despedem-se dos militares que partem para a "OPERANTAR"

esforços na busca de soluções para os impactos das mudanças climáticas globais, visto que ela é indispensável à compreensão da evolução física e ambiental do planeta, assim como fator preponderante sobre o clima da Terra”.

Programa Antártico Brasileiro

O Programa Antártico Brasileiro (PROANTAR) é estruturado em quatro vertentes básicas, sendo elas: a científica, sob a coordenação do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovações e do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico; a ambiental, sob a responsabilidade do Ministério do Meio Ambiente; a logística, a cargo do Ministério da Defesa, com a coordenação e realização da Marinha do Brasil (MB); e a de política externa, a cargo do Ministério das Relações Exteriores.

Já como metas do programa

pode-se destacar: o desenvolvimento de pesquisa diversificada, obtenção e produção de dados tecnológicos e científicos, apoio à formação, o aperfeiçoamento e a especialização de pesquisadores brasileiros, incentivo e provimento dos meios para dar ênfase à representatividade brasileira, desenvolvimento de soluções tecnológicas, promoção de um sistema central de informações científicas, desenvolvimento de programas de monitoramento ambiental nas áreas de atividade do Brasil na Antártica e apoio às atividades educacionais em todos os níveis, inclusive com intercâmbio acadêmico internacional.

Conforme afirma a Encarregada da Divisão de Relações internacionais do PROANTAR, Capitão de Mar e Guerra Haynêe Trad Souza, “as pesquisas oceanográficas e meteorológicas desenvolvidas na Antártica

possibilitam a melhor compreensão dos fenômenos naturais que influenciam diretamente o clima no Brasil, permitindo o aprimoramento dos modelos numéricos empregados na previsão meteorológica na região costeira do Brasil, contribuindo para a segurança das operações de exploração e exploração de petróleo e gás na costa sul-americana”.

Este ano, 130 pesquisadores de diferentes instituições farão parte do grupo que realizará pesquisas para coleta de amostras e dados na Antártica, sendo um deles o biólogo e professor do Departamento de Microbiologia da Universidade Federal de Minas Gerais, Doutor Luiz Henrique Rosa, o qual tem um projeto sobre diversidade e biotecnologia de fungos no continente gelado. “A realização das atividades científicas na Estação Antártica Comandante Ferraz é um

privilégio, porque o trabalho da ciência Antártica é complexo, já que envolve características peculiares, pois além da ciência propriamente dita, nós temos o desafio da condição climática e do caráter geopolítico, logo, o planejamento ocorre durante um ano. Por isso, trabalhar na estação Comandante Ferraz não só representa uma atividade muito importante para a pesquisa brasileira como para o mundo inteiro”, ressalta.

O pesquisador ainda destaca o apoio prestado pela MB, no que tange às parcerias e a logística no continente gelado. “A parceria entre as universidades e institutos de pesquisa com a MB para a execução do PROANTAR é fundamental. A Marinha tem uma grande expertise logística que nos propicia acessar regiões da península Antártica para coletar nossas amostras e os dados que são fundamentais para execução dos trabalhos científicos. A co-

leta de dados representa uma grande produção científica para o Brasil, formando mestres, doutores e pós-doutores. A MB tem um conhecimento muito vasto da Antártica, e os navios polares 'Almirante Maximiano' e 'Ary Rongel' são fundamentais para realização de tal feito, pois eles têm catalogados vários dados e históricos de regiões acessadas em outras viagens, bem como de locais que ainda iremos acessar”, complementa o professor.

Antártica – O continente gelado

Continente mais inóspito do planeta, a Antártica tem mais de 90% de seu território coberto por gelo e cerca de 70% da água potável de todo o globo. Sua proximidade com a América do Sul torna a região antártica especialmente relevante para o Brasil, a ponto de ter sido considerada parte do entorno estratégico do País. Ademais, a Antártica destaca-se por ser

administrada por meio de um regime internacional baseado em um sistema de convenções e documentos, que definiu as atividades de pesquisa como sendo o propósito fundamental da ocupação da região.

Segundo o Comandante Diefferson, “a importância do desenvolvimento das atividades de pesquisa se dá por permitir a consolidação do PROANTAR, credenciando o país a influir em todas as decisões tomadas no âmbito do Sistema do Tratado da Antártica, na condição de membro consultivo. Essas atividades de pesquisa asseguraram a presença de brasileiros, especialmente pesquisadores, na Antártica. Outro ponto importante é que todos os estudos referentes aos oceanos, tais como hidrografia e oceanografia, são de vital importância para que a MB possa aproveitar ao máximo as capacidades operativas dos nossos submarinos” 🇧🇷

Chegada à Estação Antártica Comandante Ferraz



Navio-Patrolha "Maracanã" marca a retomada da construção naval

Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro entrega novo navio ao setor operativo

Por: Primeiro-Tenente (RM2-T) Thaís Cerqueira Francisco

Imagens: Suboficial-ET Fábio Coelho Damasceno e Primeiro-Sargento-MO Paulo Johson Lopes da Cunha

Assista ao vídeo sobre o NPa "Maracanã"



Marcando a retomada da construção naval pelo Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro (AMRJ), foi entregue, ao setor operativo da Marinha do Brasil (MB), o Navio-Patrolha (NPa) "Maracanã". A partir de agora,

o mais novo navio da MB poderá cumprir sua missão de contribuir para a segurança do tráfego marítimo e para a defesa dos interesses estratégicos brasileiros na Amazônia Azul, por meio de atividades

de patrulhamento, de inspeção naval e de salvaguarda da vida humana no mar.

Durante a cerimônia, aconteceu o batismo do NPa "Maracanã", conduzido pela senhora Selma Foline Crespio

O navio entregue faz parte do Programa de Obtenção de Navios-Patrolha



de Pinho, madrinha do navio e esposa do Comandante da Marinha, Almirante de Esquadra Almir Garnier Santos, presente na cerimônia.

Na ocasião, ocorreu a Mostra de Armamento do novo navio, presidida pelo Chefe do Estado-Maior da Armada (CEMA), Almirante de Esquadra Renato Rodrigues de Aguiar Freire, que empossou o primeiro comandante e destacou a importância da data para a MB. “A obtenção do NPa “Maracanã” faz parte do Programa de Modernização do Poder Naval. Representa também o esforço conjunto para o desenvolvimento da Base Industrial de Defesa, capacitando e aprimorando a mão de obra da construção naval, aperfeiçoando sistemas e equipamentos, e fomentando a Indústria Nacional de Defesa”, ressaltou o CEMA.

O novo navio-patrolha

O NPa “Maracanã” é o terceiro pertencente à Classe “Macaé”, que já possui outros dois em operação na MB, o “Macaé” e o “Macau”. Com tecnologia majoritariamente brasileira, o “Maracanã” irá atuar subordinado ao Comando do Grupamento de Patrulha Naval do Sul e Sudeste em Santos (SP). O navio entregue faz parte da atual fase do Programa de Obtenção de Navios-Patrolha (PRONAPA) que prevê, também, a continuidade da construção, no AMRJ, do Navio-Patrolha “Mangaratiba”, com entrega prevista para 2025.

Para o Diretor-Geral do Material da Marinha (DGMM), Almirante de Esquadra José Augusto Vieira da Cunha de Menezes, a entrega do navio representa “a história do nosso Arsenal de Marinha do Rio de Janeiro, um estaleiro rico de tradições e de potencialidade, que renova, a cada navio construído, suas capacidades e suas possibilidades.”

O primeiro Comandante do “Maracanã”, Capitão de Corveta Raphael Saidel da Costa,

destacou que o Brasil passa a ter um meio naval moderno e de pronto emprego. “Além de todas as capacidades operativas que o navio possui, para mim é um motivo de muito orgulho ser o primeiro comandante do navio-patrolha “Maracanã” e, agora a partir de Santos, poderemos realizar a nossa missão que é colaborar na proteção da nossa Amazônia Azul”.

A obtenção do “Maracanã” faz parte do Programa de Modernização do Poder Naval. Representa também o esforço conjunto para o desenvolvimento da Base Industrial de Defesa, capacitando e aprimorando a mão de obra da construção na-

val, aperfeiçoando sistemas e equipamentos, e fomentando a Indústria Nacional de Defesa.

Para ser entregue ao Setor Operativo, o NPa “Maracanã” foi submetido a um amplo programa de testes de aceitação de todos os sistemas e equipamentos no mar, a fim de garantir a segurança e a eficiência da sua operação. Mesmo antes de sua incorporação, o “Maracanã” pôde ser visto em plena navegação durante as comemorações alusivas ao Bicentenário da Independência do Brasil, participando da Parada Naval e da Revista Naval 



Operação "Sorriso" leva atendimento às comunidades ribeirinhas

Militares e voluntários atuam embarcados no Navio de Assistência Hospitalar "Carlos Chagas"

Por: Capitão-Tenente (RM2-T) Gisleine Alves Assunção e Guarda-Marinha (RM2-T) André Luiz Bezerra da Costa Soares

Fotos: Terceiro-Sargento-AD Isabela Magalhães

Em novembro de 2022, a Marinha do Brasil recebeu uma das maiores organizações médicas voluntárias do mundo, com sede em 60 países e mais de seis mil voluntários cadastrados, chamada de Operação "Sorriso". Os voluntários embarcaram na cidade de Parintins (AM), no Navio de Assistência Hospitalar (NasH) "Carlos Chagas" (U-19), que já se encontrava em operação de Assistência Hospitalar na região. Ao todo, 59 militares participam da ação.

A Operação "Sorriso" foi dividida em duas fases. A primeira, realizada até o dia 21 de novembro, teve como objetivo realizar o mapeamento e a identificação dos pacientes que necessitavam da cirurgia de correção de lábio leporino ou fenda palatina. Foram realizados 21 atendimentos no município de Barreirinha e nas comunidades adjacentes do município, em Pedras e Cameté do Ramos. Na segunda fase, serão realizadas as cirurgias em localidades que possuam infraestrutura hospitalar adequada.

A equipe multidisciplinar de voluntários é composta por cinco profissionais da área da saúde (cirurgia plástica, odontologia, enfermagem, psicologia e fonoaudiologia) e por quatro diretores de planejamento do projeto. "Nós temos uma parceria de muitos anos com a Marinha e agora surgiu o convite para embarcarmos nos




Operação "Sorriso" realiza triagem de criança com fissura labial

Navios de Assistência Hospitalar porque temos nessa região pacientes com essas condições que nunca receberam atendimento. Um dos nossos objetivos é capacitar os profissionais da área da saúde da Marinha para identificar os pacientes e os encaminharem para a gente. Pretendemos realizar missões como essa em outros polos e a Marinha, na próxima fase da operação, pode nos prestar um apoio importantíssimo levando os pacientes para os centros cirúrgicos", explicou Cristina Murachco, Diretora Executiva da Operação "Sorriso".

Giorlanda dos Santos, mãe de uma criança com fissura labial,

destaca que a parceria da Marinha do Brasil com a Operação "Sorriso" "traz de longe recursos que não têm aqui na região para ajudar as crianças que não têm condições de fazer cirurgia particular", destacando a importância das ações de assistência hospitalar em sua região.

Sobre a Operação "Sorriso"

Fundada em 1982, a organização realiza atendimentos e cirurgias gratuitas para crianças e adultos com fissuras faciais. Atuando desde 1997 no Brasil, o projeto já realizou 79 missões e foram atendidas mais de 12 mil famílias e operadas 5.739 pessoas 

Patrono da Marinha do Brasil é homenageado em Portugal

Por: Agência Marinha de Notícias

Foto: Acervo da Marinha



Acesse o site:
Tamandaré, Herói
Brasileiro

O município de Nazaré, em Portugal, ganhou um monumento em homenagem ao herói brasileiro Joaquim Marques Lisboa, conhecido como Almirante Tamandaré, Patrono da Marinha do Brasil (MB). A inauguração contou com a presença do Embaixador do Brasil em Portugal, Raimundo Carreiro Silva, na freguesia de Famalicão, local onde nasceu o pai de Tamandaré.

Coordenado pela MB, o evento faz parte do projeto de Valorização dos Vultos Navais, no ano do Bicentário da Independência do Brasil. A iniciativa tem o propósito de difundir os heróis nacionais que serviram à Marinha, a fim de despertar o interesse pela história, além de inspirar sentimentos de civismo e orgulho dos antepassados. Além do monumento em Portugal, mais outras três estátuas de Tamandaré foram inauguradas este ano no Brasil: em Fortaleza (CE), em Maceió (AL) e em Florianópolis (SC).

O Diretor do Centro de Comunicação Social da Marinha (CCSM), Contra-Almirante Carlos André Corona Macedo, representando o Comandante da Marinha, Almirante de Esquadra Almir Garnier Santos, na cerimônia, destacou que a história do Almirante Tamandaré é também uma síntese da relação entre Brasil e Portugal. "O processo de independência do Brasil, cujo bicentário comemoramos neste ano de 2022, nos impele a reconhecer toda a importância da nossa herança portuguesa, que tanto moldou os traços mestiços e sincréticos que nos engrandecem e nos diferen-

ciam pela tolerância, bravura, receptividade e criatividade", explicou.

O Almirante Tamandaré se destacou por sua honradez, simplicidade e abnegação, colocando sempre os interesses do Brasil e da Marinha em primeiro lugar, tanto nas situações mais simples ou corriqueiras, quanto nas grandes decisões que tomou como chefe naval. "Desejamos que as virtudes e os exemplos de amor à Pátria do Almirante Tamandaré sirvam

de inspiração para as novas gerações de marinheiros e para toda a sociedade", finalizou o Diretor do CCSM.

Em virtude dos grandes feitos de Tamandaré, a Marinha lançou, neste ano, um site com detalhes sobre a vida do "velho marinheiro", como também era conhecido. Fazem parte do acervo documentos alusivos ao herói nacional, como fotos, testamento, além do livro sobre a história do Almirante [🔗](#)



Monumento do Almirante Tamandaré em Portugal

A Marinha nas Guerras de Independência

Por: Diretoria do Patrimônio Histórico e Documentação da Marinha

Imagens: Acervo da Marinha

A Esquadra Brasileira surgiu no ápice do processo político de Independência do Brasil. Sua finalidade foi assegurar a integridade do vasto território da América Portuguesa, compostos por várias capitanias e, depois, províncias.

Logo, em 1º de abril de 1823, a Esquadra Brasileira, comandada pelo Primeiro-Almirante da Armada Nacional e Imperial do Brasil Thomas Cochrane, faz-se ao mar rumo ao litoral baiano a fim de bloquear o porto de Salvador e impedir a chegada de reforços e mantimentos d'além-mar para as tropas fiéis a Lisboa de General Inácio Luís Madeira de Melo e para a Força Naval Portuguesa do Chefe de Divisão Félix Pereira de Campos, composta por 13 de navios de guerra.

Numa ação arrojada, colocando em prática a manobra do Almirante inglês Nelson de interceptação da linha de navios, Cochrane "corta" a linha de navios portugueses, atacando os navios da retaguarda. O combate de 4 de maio, como ficou conhecido, provou-se positivo à Esquadra Brasileira, mesmo com a pouca experiência das tripulações dos navios brasileiros e a "indisposição" dos marujos portugueses a serviço da esquadra brasileira em lutar contra a bandeira lusitana. Efetivado o bloqueio a Salvador, Cochrane passou a capturar os navios que abasteciam a cidade, ajudando as tropas brasileiras terrestres comandadas pelo General Pierre Labatut.

Vale ressaltar aqui a campanha da chamada Flotilha Itaparicana,

um conjunto de pequenas embarcações armadas comandadas pelo Tenente João Francisco de Oliveira Botas, que defendeu a Ilha de Itaparica e colaborou com o bloqueio a Salvador.

Destaca-se também a ação do jovem Joaquim Marques Lisboa, o futuro Marquês de Tamandaré, que foi voluntário no recrutamento de marinheiros para a organização da Primeira Esquadra Brasileira nas Guerras da Independência, lutando na costa baiana.

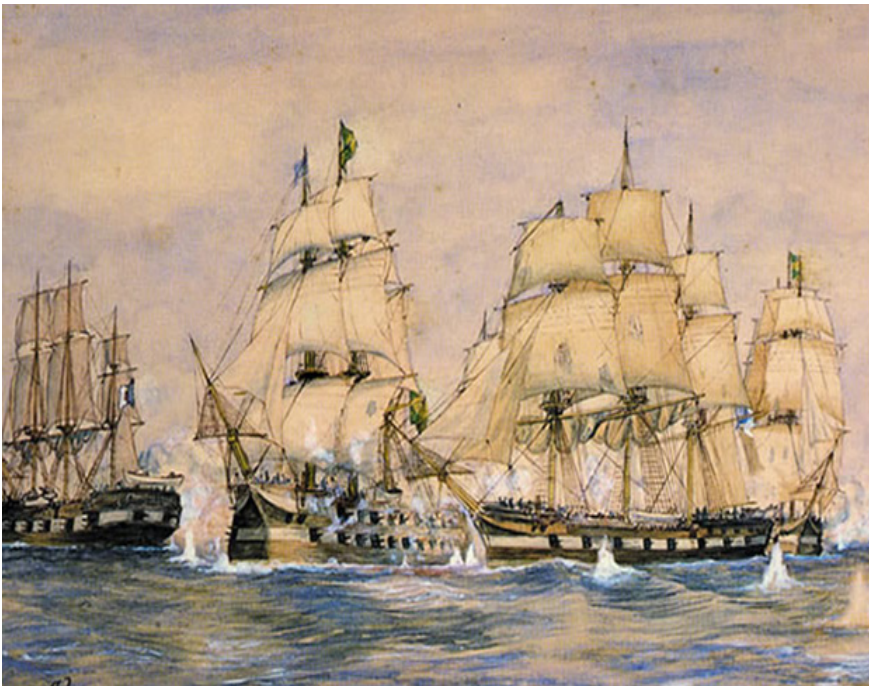
O futuro Patrono da Marinha ainda participou, a bordo da Fragata Niterói comandada pelo oficial John Taylor, da perseguição à frota portuguesa até a Foz do Rio Tejo, em Portugal. A Fragata Niterói foi responsável pela captura de cerca de dois mil soldados e mais de uma dezena de navios.

Vencida a luta na Bahia, restavam focos de resistências nas províncias do Norte, especificamente no Maranhão, Piauí e Pará. Cochrane astutamente comunicou à junta portuguesa que governava São Luís que uma grande Força Naval estava próxima da capital maranhense. Fora apenas um "blefe" para desarticular a fidelidade portuguesa, que deu certo, sendo a junta portuguesa deposta em 28 de julho de 1823. Com a deposição da junta portuguesa em São Luís, os exércitos e milícias independentistas foram ganhando força, debelando os focos de resistências nas vilas do Maranhão e Piauí.

O mesmo ardil foi utilizado no Pará. Cochrane delegou o então Capitão-Tenente John Pascoe Grenfell a condução da "mano-

Primeira Esquadra Brasileira – Trajano Augusto de Carvalho / 1940. Acervo DPHDM.





Combate de 4 de maio de 1823 – Trajano Augusto de Carvalho / 1938. Acervo DPHDM.

bra”. Comandando o Brigue Maranhão, Grenfell entregou cartas do Primeiro-Almirante Cochrane à Junta Governativa do Pará, comunicando a adesão do Maranhão à Independência e o bloqueio naval a capital Belém. Em 15 de agosto de 1823, a Província do Pará também declarava sua adesão ao Império do Brasil.

Outro grande foco de resistência à independência do Brasil situava-se ao sul, na então chamada província Cisplatina. Último reduto da resistência portuguesa, a cidade de Montevidéu, controlada pelos militares favoráveis à Portugal, estava sitiada por tropas leais ao Império do Brasil, comandadas pelo General Carlos Frederico Lecor. Desde março de 1823 as Forças Navais brasileiras, sob o comando do Capitão de Mar e Guerra Pedro Antônio Nunes, já bloqueavam a cidade.


As tropas fiéis às Cortes de Lisboa em Montevidéu, juntamente com as de Salvador, articulavam estratégias para neutralizar as ações de união favoráveis ao Império brasileiro. Naquela região ainda havia o cenário de Montevidéu cair nas mãos de Buenos Aires, capital das Províncias Unidas do Rio da Prata.

Contudo, com a queda das resistências em Salvador, juntamente com as de São Luís do Maranhão e Belém do Pará, o ânimo para lu-

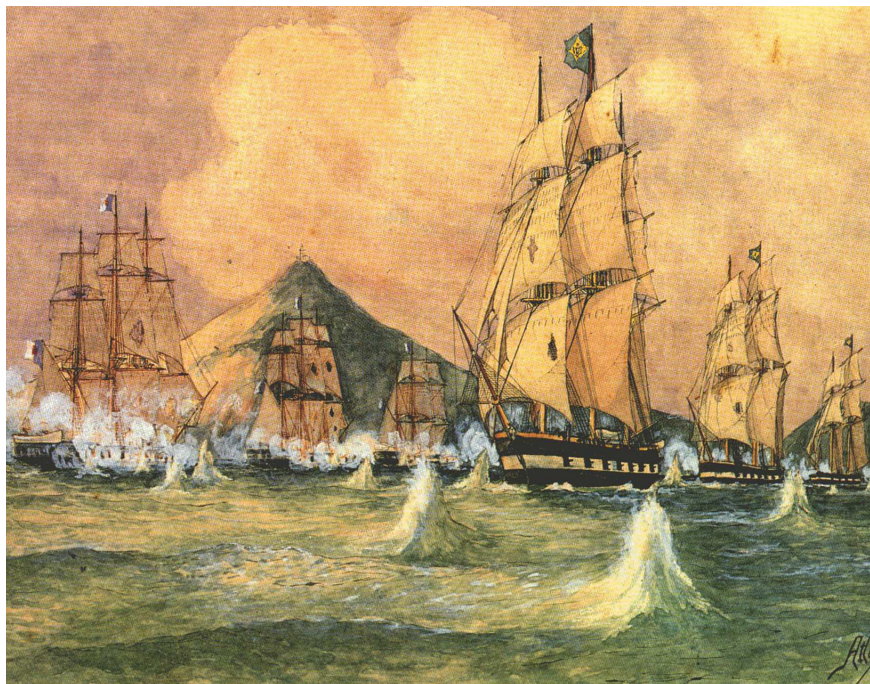
tar dos portugueses foram baixando. Após a tentativa fracassada da Força Naval portuguesa em romper o bloqueio naval brasileiro, o desabastecimento provocado pelo cerco resultou na rendição do efetivo português em 18 de novembro de 1823. Não havendo outra saída senão negociar, os portugueses acordaram em entregar Montevidéu a Lecor em troca da evacuação de todo contingente português do território brasileiro. Caía assim o último reduto de resistência à independência e união das províncias ao Império do Brasil.

A atuação dos navios que constituíram a Primeira Esquadra foi fundamental para a consolidação da independência, assim como a integridade e unidade do vasto território que formava a jovem nação.

Em condições de atuar com mobilidade e flexibilidade em um curto espaço de tempo, a nascente Esquadra brasileira cumpriu sua missão de consolidar a Independência, promulgada em 7 de setembro de 1822, mantendo a soberania brasileira sobre todo o território. Desde as Guerras de Independência até a atualidade, a Marinha tem figurado como instituição essencial para o país. A Marinha, por meio de sua Esquadra, foi, e continua sendo, capaz de negar o uso do mar às forças navais inimigas e proteger diferentes pontos do nosso extenso litoral e a comunicação destes com o exterior, permitindo uma navegação segura em nossas águas

Podemos assim continuar as comemorações do Bicentenário da Independência do Brasil enaltecendo a importância da formação e atuação da Primeira Esquadra brasileira e de todo o pessoal militar e civil da nossa Marinha do Brasil que segue defendendo os interesses do Brasil e de todos os brasileiros 

Combate de Montevidéu – Trajano Augusto de Carvalho / 1938.



A escoteira que se destacou

Suboficial - AD Danielle Bastos Campos

Por: Capitão-Tenente (T) Carolina Barros de Toledo

Foto: Arquivo Pessoal



Suboficial - AD Danielle Bastos Campos

A Suboficial-AD Danielle Bastos Campos, nascida em 13 de junho de 1972, foi criada em bairro humilde do Rio de Janeiro. Filha de pais separados, residiu em casa modesta, junto de sua mãe e uma irmã, na região do Estácio, próximo à conhecida Praça XI de Junho. Àquela época, ainda era possível brincar com tranquilidade nas ruas da região, mas sempre alertada por sua mãe sobre o perigo de determinados trechos, sobretudo quando anoitecia e as atividades ilícitas das comunidades do entorno ganhavam as ruas.

Tendo como referência a luta de sua mãe, costureira, para sustentar e bem criar as duas filhas, Danielle sempre soube que queria ter uma profissão e melhorar de vida. Estudou em escola pública a vida toda, em uma época em que as tradições cívicas eram cultuadas em todos os estabelecimentos de ensino, o que despertou desde cedo nela o amor à Pátria e o orgulho ao cantar o Hino Nacional, todos os dias.

Muito comunicativa, Danielle

era eleita todos os anos, pelos próprios alunos, como patrulheira da escola. E, por isso, usava um bracelete em seu uniforme, o que a distinguia e reforçava seu comprometimento com a ordem e os valores da escola.

Inspirada por um tio, que era militar do Exército Brasileiro (EB), decidiu entrar para os escoteiros assim que terminou o Ensino Médio e, devido à idade, já iniciou como instrutora. “Foi um período muito rico na minha vida, quando atuei diretamente em projetos sociais com crianças, teve treinamentos com militar do EB e adestramentos sobre sobrevivência na selva”, destacou Danielle.

Seguindo os passos da irmã mais velha, que havia feito o curso pré-militar e se preparava para ingressar na Força Aérea Brasileira, matriculou-se no referido curso, completou uma formação técnica e prestou concurso para a Marinha.

Ingressou então no ano de 1995 no Centro de Instrução Almirante Alexandrino. Logo

seus instrutores perceberam que a aluna possuía habilidades prévias com ordem unida e não demorou muito para que ficasse conhecida como “escoteira”. Mais uma vez, por suas habilidades interpessoais, tornou-se popular no curso, liderava as mulheres nas corridas em pelotão e compunha a maior parte das canções que eram entoadas no Treinamento Físico Militar.

Vinte e sete anos se passaram desde aqueles tempos, que se recorda com saudade, no Centro de Instrução. “A carreira militar me proporcionou diferentes possibilidades de atuação, desde a primeira comissão na Escola de Guerra Naval, passando pela Capitania dos Portos do Maranhão, até a promoção a Suboficial já no Centro de Hidrografia da Marinha”. Com experiências marcantes, como o fato de ter morado em um Farol da MB (os faróis de Araçagi e de São Marcos), em meio à exuberante natureza, de ter pilotado lancha e dirigido um jipe no desfile de 7 de setembro, recorda-se com muito orgulho a Suboficial Danielle.

Seguindo os passos da mãe, conserva em seu espírito a mesma determinação em criar as duas filhas, baseada nos valores que herdou de família, e naqueles que cultuou e fortaleceu ao tornar-se militar. “Hoje, graças à estrutura social e financeira que a Marinha me proporcionou, posso oferecer às minhas filhas uma vida de maior conforto do que aquela que tive quando criança, permitindo que elas galguem sonhos ainda mais altos do que os meus” 🚩

DIA DO MARINHEIRO

13 DEZ



DESTAQUES NAS MÍDIAS - OUTUBRO A DEZEMBRO DE 2022



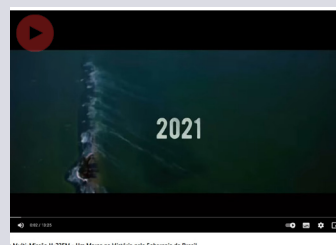
Instagram: o *post* mais curtido foi um *reel* saudando o Pavilhão Nacional, por ocasião da comemoração do Dia da Bandeira. A publicação teve 106.150 curtidas, 3.460 comentários e 13.302 compartilhamentos.*

Facebook: o *post* mais curtido foi um vídeo, na semana do dia das crianças, com os escoteiros do mar cantando a canção "Cisne Branco". A publicação teve 5.985 reações, 94 comentários e 661 compartilhamentos.*



#TBT | Na #SemanaDasCrianças, se inspire com o Grupo Escoteiros do Mar "Soa Bonifácio" cantando o hino do #CisneBranco, durante a visita ao nosso #Veleiro, na...

YouTube: o vídeo mais visualizado foi sobre o Helicóptero Multi-Missão H-225M. O conteúdo teve 2.6 mil curtidas, 121 comentários e 32.680 visualizações.*



Multi-Missão H-225M - Um Marco na História pela Soberania do Brasil

Twitter: o *post* mais curtido foi em homenagem ao bicentenário da Esquadra. A publicação teve 3.826 favoritos, 234 respostas e 626 *retweets*.*





**MARINHA
DO BRASIL**